



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS TRINDADE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PERMACULTURA

Cláudia Tomaschewski

“Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias”: trajetórias,
trocas, cuidados e cura nas relações entre mulheres e plantas.

Florianópolis
2024

Cláudia Tomaschewski

“Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias”: trajetórias, trocas, cuidados e cura nas relações entre mulheres e plantas.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Especialização em Permacultura do Campus Trindade, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Permacultura.

Orientadora: Profa Dra Josiane Carine Wedig

Florianópolis

2024

Tomaschewski, Cláudia

"Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias": trajetórias, trocas, cuidados e cura na relação entre mulheres e plantas. / Cláudia Tomaschewski ; orientadora, Josiane Carine Wedig, 2024.

95 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Curso de Especialização em Permacultura, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. mulheres. 3. plantas medicinais. 4. cuidado . 5. saúde. I. Wedig, Josiane Carine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Permacultura. III. Título.

Cláudia Tomaschewski

“Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias”: trajetórias, trocas, cuidados e cura nas relações entre mulheres e plantas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista e aprovado em sua forma final pelo Curso Especialização em Permacultura.

Florianópolis, 07 de junho de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa Dra Josiane Carine Wedig
Orientadora

Profa Dra Marília Carla de Melo Gaia
UFSC

Profa Dra Renata Palandri Sigolo
UFSC

Florianópolis, 2024.

Dedico a todas as que vieram antes de mim e que tornaram possível minha estada na terra. Também às tias e irmãs, de sangue e da alma, às amigas, companheiras, plantas, caninas e mulheres que tornam mais leve minha presença no mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que cruzaram meu caminho nos últimos anos e com quem troquei conhecimentos sobre plantas. Seria uma lista imensa, na qual a gente sempre acaba esquecendo de alguém. Então agradeço aqui, ainda correndo riscos de esquecimento, especialmente as coletivas Horta Alecrim, Horta Comunitária do Muquém, Iandé: Saúde, Arte e Gastronomia, Encontros Medicinais, TECO - Tenda Espírita Caminho dos Orixás, Instituto Flor Raiz, Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Vidal Martins, COMVIDA da EBM Maria Conceição Nunes, CEPAGRO, Horta de medicinais do CS Rio Vermelho e atual Jardim Saúde, Horto Didático da UFSC, Encontro Municipal de Agricultura Urbana, Quintas das Plantas, Especialização em Permacultura da UFSC. Seria injusto deixar de fazer um agradecimento especial às amigas, amigos e familiares que compreenderam minha necessidade de concentração neste momento de escrita. Merecem agradecimento especial as mulheres que conversam comigo e são co-autoras deste TCC, Bettina Landa, Denise Rodrigues e Iraci Basso. Também sou grata à Marília Gaia e à Renata Sigolo por terem aceitado participar da banca, e especialmente à Josiane Wedig, que me orientou com cuidado e fez uma leitura atenta. Também à Lisiane Brosele que fotografou materiais e me enviou. Os prováveis erros que serão encontrados, são responsabilidade minha.

brotar

planta de

fora pra dentro, germina

de dentro

pra fora

(poema de Camila Duarte, 2001, p.33).

RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se no método etnográfico e tem como base teórica discussões recentes na Antropologia, Filosofia e Ciências Biológicas sobre relações multiespécies. A investigação, de caráter qualitativo, aborda as trocas entre mulheres e plantas, especialmente no que diz respeito às práticas de cuidado, saúde e cura, das pessoas e seus territórios de existência. Foram entrevistadas três mulheres que atuam e/ou atuaram no bairro São João do Rio Vermelho em Florianópolis/SC, buscando conhecer suas trajetórias de vida e como as plantas passaram a ser seres importantes em seu cotidiano. Além de observar as relações, foram elencadas algumas plantas, consideradas de fundamental importância para as entrevistadas e seu entorno. Por meio da observação participante e das entrevistas, foi possível constatar que essas mulheres seguem, em suas trajetórias de vida, os princípios éticos da Permacultura, a saber: cuidar das pessoas, cuidar da Terra e buscar uma partilha justa.

Palavras-chave: plantas medicinais; mulheres; trocas, cuidado, saúde.

ABSTRACT

This research is based on the ethnographic method and has as its theoretical basis recent discussions in Anthropology, Philosophy and Biological Sciences about multispecies relationships. The investigation, of a qualitative nature, addresses the exchanges between women and plants, especially with regard to care, health and healing practices, of people and their territories of existence. Three women who work and/or worked in the São João do Rio Vermelho neighborhood in Florianópolis/SC were interviewed, seeking to learn about their life trajectories and how plants became important beings in their daily lives. In addition to observing relationships, some plants were listed, considered of fundamental importance to the interviewees and their surroundings. Through participant observation and interviews, it was possible to verify that these women follow, in their life trajectories, the ethical principles of Permaculture, namely: caring for people, caring for the Earth and seeking fair sharing.

Keywords: medicinal plants; women; exchanges, care, health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFFESC - Associação dos Funcionários Fiscais de Santa Catarina
APAAM - Associação para a Ampliação das Artes Médicas
APREMAVI - Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida
CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo
CERTE - Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação
CSRV - Centro de Saúde do Rio Vermelho
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EPAGRI - Empresa de Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
PANCs – Plantas Alimentícias Não Convencionais
PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SUS - Sistema Único de Saúde
TECO - Tenda Espírita Caminho do Orixás
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Ritual do Amaci	38
Figura 2 - Integrantes da TECO durante o 8M	41
Figura 3 - Iraci colhendo abóboras	49
Figura 4 - Oferendas para Iemanjá e Oxóssi	50
Figura 5 - Ritual da Cachoeira	52
Figura 6 - Abraçando a araucária	53
Figura 7 - A cúrcuma em vários pontos da morada de Iraci	61
Figura 8 - Encontros Medicinais com a participação de Mãe Bettina	63
Figura 9 - Mutirão de plantio no Flor Raiz	64
Figura 10 -Relógio do corpo humano com base na Medicina Chinesa	65
Figura 11 - Horta de Iraci	66
Figura 12 - Mulher-planta	68
Figura 13 - Caldeirão da Bruxa	69
Figura 14 - Caminhada em prol da tolerância religiosa	74
Quadro 1 - Plantas essenciais para Denise	58
Quadro 2 - Plantas essenciais para Iraci	60
Quadro 3 - Plantas essenciais para Bettina	61
Quadro 4 - Plantas essenciais para Bettina e Orixás correspondentes	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAMINHOS DA PESQUISA	21
3 TRAJETÓRIAS, ENCONTROS E RELAÇÕES COM AS PLANTAS	29
3.1 UMA RELAÇÃO DE UMA VIDA INTEIRA OU UM DESPERTAR	29
3.2 APRENDIZADOS E ENSINAMENTOS	31
3.3 NOSSAS FILHAS, IRMÃS E AMIGAS: PARENTESCOS COM AS PLANTAS	36
4 CUIDADOS, CURAS, TROCAS, INTEGRAÇÃO, REDES E DOM	40
4.1 - DOS CUIDADOS COM AS PLANTAS, DOS CUIDADOS COM A TERRA, DOS CUIDADOS COM NÓS MESMAS	40
4.2 - SOBRE NOSSAS INTERAÇÕES COM O MUNDO: EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, PERMACULTURA, AGROECOLOGIA E SABERES DOS POVOS ORIGINÁRIOS	44
4.3 - “INTENÇÃO DE SER E ESTAR NESSE LUGAR”: OU SOBRE COMO AS ENTREVISTADAS PERCEBEM SEU LUGAR NO MUNDO E NAS TROCAS COM PESSOAS E PLANTAS.	54
5 ENTRE PLANTAS, BENZIMENTOS E CUIDADOS: UMA AMPLIAÇÃO DAS FORMAS DE CURA	58
5.1 ALGUMAS PLANTAS ESSENCIAIS	58
5.2 - PARA ALÉM DO FITOTERÁPICO, OUTRAS FORMAS DE CURA	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A – Algumas Plantas Mapeadas na Casa da Iraci	84
APÊNDICE B - Repense o Descartes (poema autoral)	89
APÊNDICE C - Lista de PICs com possibilidade de disponibilidade no SUS	91
APÊNDICE D - Roteiro semi-estruturado utilizado para as entrevistas	92
ANEXO A – Modelo dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	93

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as plantas têm sido minha base de sustentação na terra. Toda vez que penso (e são muitas as vezes) que as coisas no mundo dos humanos estão complicadas, eu olho para as plantas. Tenho plantado jardins e também tenho me relacionado com muitas pessoas que gostam de plantas. Este trabalho difere muito da minha trajetória acadêmica pregressa.

Defendi o doutorado em História em 2014, e, até então, o meu tema de estudo foi sobre o papel das Santas Casas de Misericórdia na estruturação da sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. Comecei a perceber que este tema afetava negativamente minha saúde mental, e por necessidade de seguir vivendo com certa paz, mudei os rumos da vida e comecei a lecionar a disciplina de História no Ensino Fundamental.

É significativa para mim a importância de estar retornando à universidade com um tema que me traz alegria. A investigação continuou fazendo parte da minha vida nos anos em que trabalhei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, no caso de Florianópolis, tem a pesquisa como princípio educativo. Nesses anos todos, nunca perdi a curiosidade de pesquisadora. Porém, são diferentes formas de pesquisa. É um desafio voltar à escrita acadêmica.

Este TCC estuda as relações entre mulheres e plantas, aliadas às práticas de cuidados, saúde e cura. A escolha das entrevistadas foi feita a partir das vivências anteriores e de algumas novas relações que foram surgindo com o desenvolvimento da pesquisa. As mulheres interlocutoras têm em suas vidas as plantas como algo fundamental. O que me levou à elas foi meu envolvimento como frequentadora da Tenda Espírita Caminho dos Orixás (TECO), do landé, arte, saúde e gastronomia, e dos Encontros Medicinais, grupo de estudos sobre plantas medicinais. Os “Encontros Medicinais” acontecem desde setembro de 2023, uma vez por semana, e por meio deles pude aprofundar antigas e estabelecer novas relações com mulheres que conhecem e se relacionam com plantas. Os encontros ocorrem comumente no landé e são guiados por Denise Rodrigues. A definição de quem seriam as entrevistadas levou em conta os aprendizados significativos que tive, e a longa trajetória destas mulheres com as práticas de cuidado, saúde e a cura. Muitas mulheres que participaram desses encontros tem enorme conhecimento sobre as plantas. Porém, a

Bettina Landa, a Denise Rodrigues e a Iraci Basso, se destacam pela amplitude de suas vivências e conhecimentos. Todas têm mais de 60 anos e uma caminhada longa no que diz respeito aos plantios, usos e saberes de plantas.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como se estabelecem relações, trocas e interações entre mulheres e plantas, especialmente para as práticas de cuidado, saúde e cura. Os objetivos específicos foram: a) investigar as trajetórias de vida de mulheres que atuam com plantas no bairro Rio Vermelho; b) Analisar como seus percursos relacionam-se à Agroecologia e às Culturas de Permanência; c) olhar para os espaços de plantio, a origem das ervas utilizadas nos tratamentos; d) trazer uma breve discussão sobre as diferentes lógicas medicinais presentes em suas práticas.

As mulheres escolhidas para compor a pesquisa fazem parte das redes de convivência tecidas no referido bairro, frequentando os espaços e aprendendo sobre o uso medicinal e energético das plantas. Além disso, todas participaram dos “Encontros Medicinais”, mesmo que de forma pontual. Cabe aqui fazer uma breve apresentação das entrevistadas.

Denise Rodrigues é farmacêutica, naturóloga e tem estudos sobre Medicina Tradicional Chinesa, homeopatia, florais, iridologia entre outros. Denise nasceu Urubici/SC, em 25 de janeiro de 1963, passou parte da infância em Lages/SC e cursou Farmácia na UFSC na década de 1980. No princípio de sua carreira manteve uma farmácia convencional em Ponta das Canas, bairro de Florianópolis. Pelos idos dos anos 2000, largou a farmácia para dar cursos sobre ervas condimentares e aromáticas pelo interior de Santa Catarina, o que a levou a comprar e reflorestar uma propriedade em Gravatal. No retorno a Florianópolis, manteve uma farmácia homeopática e hoje atua junto ao landé¹: Arte, Gastronomia e Saúde. Neste espaço acontecem cursos de Florais, Reiki, sobre Plantas Alimentícias não convencionais, entre outros. Acontecem também atendimentos de acupuntura, massagem, psicoterapia, e diversas terapias holísticas. Além de atividades gratuitas como sessões de Reiki e os Encontros Medicinais.

¹ landé em Guarani significa nós. Na fundação do espaço houve uma cerimônia de ‘batismo’, da qual participou o líder espiritual Guarani Alcindo Wherá Tupã. Dona Iraci também estava presente. Essa informação vem do grupo de *whatsapp* dos ‘Encontros Medicinais’ e a conversa surgiu a partir da divulgação de exibição do documentário “Wherá Tupã e o Fogo Sagrado”.

Sandra Bettina Silveira Landa, é lalorixá, herborista, terapeuta holística, atuou como paisagista e traz a questão energética e espiritual das plantas. Nasceu na cidade de Artigas, no Uruguai, em 06 de junho de 1960. Ela morava na cidade, mas seu pai possuía estância de criação de ovelhas. Veio para Florianópolis nos anos 1980, residindo durante muito tempo em um sítio no Sul da Ilha. Trabalhou como paisagista para diversas pousadas, vindo residir no bairro Rio Vermelho em 2009. Possuindo longo percurso como frequentadora da Umbanda, tornou-se lalorixá com a abertura da TECO, Tenda Espírita Caminho dos Orixás, em 2011. A Teco funcionava em uma pequena casinha de madeira até 2023, quando foi inaugurada a nova sede, construída com o apoio das filhas e filhos da Casa, bem como da assistência.

Iraci Edvirgens Basso, enfermeira aposentada, hoje plantadora e erveira, foi a primeira pessoa a implementar o plantio de ervas medicinais no Centro de Saúde do Rio Vermelho (CSRV), que no presente momento vem construindo sua terceira horta denominada Jardim Saúde. Ela nasceu no município de Videira em 17 de outubro de 1950, filha de agricultores, começou a trabalhar no hospital local com apenas 15 anos de idade. Após trabalhar muitos anos como enfermeira na mesma cidade, mudou-se para o município de Florianópolis pelos idos dos anos 2000, atuando no bairro Rio Vermelho até sua aposentadoria. Saberemos mais sobre sua trajetória durante os capítulos, mas é importante ressaltar que sua presença no bairro foi marcante, sendo mencionada como referência no que diz respeito às plantas por várias pessoas da localidade. Faz cinco anos que dona Iraci foi morar em Alfredo Wagner, no sítio Dois Pinheiros, onde pratica a agroecologia.

A partir do contato com essas três mulheres, pude observar que enredam-se nas relações com as plantas. Dentro dessas teias de relações, questionei sobre quais plantas ocupam um espaço especial em suas vidas individuais, quais delas consideram de relevância coletiva e como se posicionam em relação às práticas de cuidado, saúde e cura com as quais estão/estiveram envolvidas. Além disso, busquei construir um brevíssimo quadro de plantas que elas consideram essenciais. Durante a pesquisa, a questão da espiritualidade mostrou-se relevante e foi incluída nos questionamentos que fiz à essas mulheres. Buscando estabelecer uma relação com a Permacultura, procurei analisar como as práticas delas contemplam as éticas propostas por esta disciplina: cuidar das pessoas, cuidar da Terra e buscar uma partilha justa.

Como base teórica e analítica da pesquisa, estabeleci conexões com a área da Antropologia, que tem buscado, nos últimos anos, a possibilidade de integrar as plantas como agentes nos processos a serem estudados. Percebe-se que há uma aproximação desta ciência com as cosmovisões² indígenas, onde as plantas possuem espírito. Como afirmam Kirksey e Helmreich (2020, p 284): “humanos, animais e espíritos participam de um mesmo mundo, embora dotados de diferentes aparelhos sensoriais”. A emergência da etnografia multiespécies, especialmente a partir dos trabalhos de Donna Haraway e Anna Tsing, tem levado pesquisadoras (es) a abordar “fronteiras naturalculturais” e situar “seus trabalhos no interior de preocupações ecológicas. (Kirksey e Helmreich, 2020, p. 279).

Investigar a forma como mulheres sábias que atuam ou atuaram na localidade onde vivo se colocam em relação a essas questões me parece bastante pertinente para a valorização de seus conhecimentos que, embora não estejam na Universidade, tem uma importância para a comunidade, e para as possibilidades de se pensar em outros mundos possíveis.

Para a escrita deste TCC também fui inspirada pela tese de doutorado em Geografia de Adriane de Andrade, intitulada “Geo-grafias da saúde popular comunitária: mulheres, saberes e práticas cotidianas de cura, uma experiência desde o movimento de benzedeiras do Paraná e do setor de saúde do MST Paraná”, defendida neste na UFPR e cuja banca tive o grato prazer de assistir online. Como afirma a autora, ao contrário do que vem sendo repetido há anos, as formas alternativas à medicina alopática não estão declinando, pelo contrário, depois da introdução pelo SUS, há 18 anos, das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), a legitimidade desses saberes vêm à tona. Eles nunca deixaram de existir, apenas não apareciam tanto³, por não serem consideradas pelas instituições oficiais, como iremos perceber na história de dona Iraci e sua luta para implementar algumas dessas práticas no CSRV no começo dos anos 2000. Hoje vivemos um momento de avanço das legislações para essas práticas, a exemplo do

² Ou será que é melhor dizer ‘cosmopercepções’? Achei interessante a crítica de Oyrèrónké Oyewùmí (2021, p.29), autora nigeriana que afirma que o termo cosmovisão traz em si a lógica Ocidental por privilegiar o visual em relação aos outros sentidos. Penso que a crítica é bastante pertinente, o que me fez lembrar também os estudos de Lévi-Strauss (1996) sobre as sociedades indígenas no Brasil que não privilegiam o visual para os relacionamentos amorosos, por isso não sexualizam a nudez.

³ Como afirma Marcos Queiroz (2004, p. 50) “a medicina produziu uma perseguição a todas as formas alternativas do pensamento, o que não impediu que, mesmo marginalizadas, muitas delas tivessem persistido ao longo do tempo.”

reconhecimento dos ofícios das benzedadeiras em Florianópolis e algumas cidades do Paraná citadas por Adriane em sua tese. Porém, ainda precisamos caminhar muito, como veremos na questão do reconhecimento das Religiões de Matriz Africana que atualmente para ter alvará de funcionamento na cidade de Florianópolis necessitam se registrar como igrejas ou bares.

Emanuele Coccia (2018) discute como as plantas são a sustentação da nossa vida na Terra. Tal assunto foi corrente nos nossos Encontros Medicinais, especialmente nas falas da Dani Rezende⁴. As reflexões de Coccia (2018) influenciaram as duas últimas entrevistas, que tomaram um rumo mais filosófico. Outras leituras já faziam parte do meu repertório, como os escritos das lideranças indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa. A obra coletiva do ObservaPICS da Fiocruz “*Saberes ancestrais e cura integrativa - Diálogos descoloniais*”, também foi uma referência importante. Tive algumas indicações da professora Renata Palandri Sigolo e também o seu trabalho sobre plantas medicinais e os cuidados com a saúde foi referência básica. As demais bibliografias serão citadas ao longo do texto.

Este estudo abre algumas possibilidades para seguir caminhos de pesquisa e construção de conhecimentos futuros. Nenhum trabalho encerra em si todas as possibilidades, nenhum inventário é capaz de dar conta da imensidão do conhecimento, por isso busquei o foco nas falas das minhas entrevistadas, que mesmo sabendo muito, afirmam em suas falas o pouco que ainda sabem.

Mas as leitoras podem se perguntar, o que esta pesquisa, com bases na Antropologia tem haver com a Permacultura? Bom, a Permacultura foi a via que me possibilitou retornar à pesquisa, e ampliou meus conhecimentos e sentimentos pelas plantas. A necessidade de buscar modos de vida alternativos ao que vem sendo construído pela sociedade capitalista, vem fazendo algumas pessoas a pensar em estratégias para lidar com as questões da Emergência Climática⁵. A Permacultura é mais uma destas estratégias. As bases de leitura nesse campo foram a permacultura e bruxa contemporânea Starhawk (2018) e os aprendizados com a partir das reflexões que Bill Mollison e David Holmgren realizaram no final dos anos 1970 e que se espalharam pelo mundo por meio de cursos conhecidos como Permaculture

⁴ Daniela Rezende, socióloga, do Instituto Flor Raiz.

⁵ Optou-se por utilizar o termo Emergência Climática em consonância com: KEREXU, Juliana, JULIÃO, Cristiane. Emergência Climática: Povos Indígenas chamam para a cura da Terra. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2024.

Course Design. Sempre de caráter privado, no caso do Brasil, é recente sua introdução como área do conhecimento dentro da Universidade. A proposta original da Permacultura traz a questão do coletivo como fator fundamental. A ideia em “Permacultura Um” é a busca de uma comunidade integrada na produção, como afirmam os autores citando um outro estudo: “a autossuficiência tende a ser insular e destrutiva, mais relevante e realista é a cooperação comunitária’ (Mollison; Holmgren, 1981, p. 26).

Mais recentemente, David Holmgren (2013, p.51) retomou a teorização e propôs três éticas básicas para a sustentação da Permacultura, quais sejam: “o cuidado com a terra, o cuidado com as pessoas, o limite do consumo e da reprodução e a redistribuição dos excedentes”. Para que exista Permacultura, essas éticas devem estar presentes, ou seja, práticas individuais que não trazem a questão da partilha justa, talvez não possam ser chamadas de Permacultura. Como afirma Holmgren (2013, p.52): “precisamos suspeitar da visão em que a filosofia do individualismo é a fonte, e não o resultado do bem estar material”. Precisamos olhar para outras culturas e aprender com elas, pois a necessidade de reduzirmos o consumo de energia é uma questão de sobrevivência para a espécie.

Com respeito ao cuidado da terra, Holmgren (2013, p. 57) traz a importância de “desafiar a validade ética da propriedade da terra”, especialmente no que diz respeito aos Direitos indígenas e à “reforma agrária nos países pobres”. Eu acrescentaria que esta não é apenas uma questão dos países pobres, pelo contrário, antes vejo como uma necessidade a limitação do tamanho das propriedades, enfim, tema amplo que não será aprofundado aqui. O cuidado com a terra, também pode incluir o cuidado com a biodiversidade do planeta. Conforme o autor, “esse cuidado não depende da atual utilidade para nós dessas formas de vida, mas reconhece todas como parte da terra viva dotadas de valor intrínseco” (Holmgren, 2013, p. 57).

O cuidado com as pessoas, “faz da Permacultura uma filosofia ambiental assumidamente centrada nos humanos” (Holmgren, 2013, p. 58), tanto no que diz respeito em assumir as responsabilidades quanto no de cuidar para que os mais pobres possam ter autossuficiência. Esses cuidados começam com o autocuidado: “Para ser capaz de contribuir com um bem maior, deve-se estar saudável e seguro”, o que não deve ser compreendido como “uma receita para ignorar as imensas disparidades entre nações e pessoas ricas e pobres”, o cuidar de si não justifica o

consumo abusivo da classe média, esse autocuidado deve buscar também o imaterial, como ver um pôr-do-sol em vez de assistir um filme, compartilhar tempo com as pessoas que amamos (Holmgren, 2013, p. 59 e 60).

Quanto à questão de reconhecer limites à produção e ao consumo e buscar uma partilha justa, David afirma que reconhecer limites não está relacionado à escassez, mas aos limites reais, de nossas vidas, de nosso planeta, visto que a escassez é “culturalmente mediada” e “produzida em grande parte pelo poder e economia industriais” (Holmgren, 2013, p.61). O texto do autor traz muitas questões amplas, que, penso eu, deveriam ser mais debatidas na Permacultura. Por exemplo, o estudo das “estruturas invisíveis”⁶ deveria estar em confluência, como afirma Antônio Bispo dos Santos (2023) com que vem sendo discutido mais amplamente sobre teoria social.

Holmgren (2013, p. 63) traz ainda a questão de como outras sociedades lidam de uma forma bem mais coerente com a redistribuição para as gerações atuais e futuras do que a nossa atual sociedade capitalista, onde as formas de dar podem estar relacionadas à um “interesse pessoal que cria dependência” (Holmgren, 2013, p. 63).

Mas afinal, o que o estudo de plantas medicinais tem haver com a Permacultura? Eu diria que não apenas com a Permacultura, mas com todos os estudos que questionam as bases e estruturas da nossa sociedade. Em um determinado momento de sua entrevista, Denise coloca a questão de como uma alimentação mais natural pode virar a chave para uma abertura de consciência. Penso que ao percebermos nossa integração na Natureza, os ciclos de vida/morte/vida, entendemos que acumular não faz sentido e podemos questionar a base do capitalismo, que é a acumulação.⁷ Uma medicina integrativa também é

⁶ São chamadas “estruturais invisíveis” na permacultura, justamente todas essas questões de gênero, raça, classe, etc que permeiam as relações sociais e que são invisibilizadas nas comunidades. Não cabe aqui uma discussão detalhada do texto de Holmgren (2013, p. 62), mas ele traz argumentos interessantes, quando fala, por exemplo, que o desejo de ter filhos, normalmente associado às mulheres, está mais relacionado à questão patriarcal de deixar descendentes.

⁷ Interessante notar que a acumulação se dá muitas vezes com vistas a uma maior sensação de segurança e os efeitos reais desse tipo de ação na biosfera são a morte e a destruição, como afirma Luiz Marques (2015, p 51): “Hoje, começamos a perceber que quanto *mais* acumulamos excedente e energia, menos seguros nos tornamos em relação à escassez e às adversidades da natureza. Isso porque, ultrapassando o limite de resiliência dos ecossistemas agredidos, o aumento da acumulação esgota, polui e degrada as bases da vida no planeta, e, portanto, as bases da nossa existência”. Para David Holmgren (2013, p. 61), é justamente a escassez fabricada pela sociedade industrial que

importante para essa percepção (Queiroz, 2004). Como veremos ao longo deste TCC, constantemente as entrevistadas afirmam a importância da autonomia com relação às práticas de cuidado, saúde e cura como fatores significativos para o uso das plantas medicinais. As éticas colocadas pela Permacultura também estão presentes em suas falas e posicionamentos. Me parece que o ponto principal é que estas questões não são exclusivas da Permacultura, mas também fazem parte dela. Abordarei mais detalhadamente essas discussões ao analisar as falas das entrevistadas.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, apresento os caminhos da pesquisa, como ela foi construída em diálogo com as entrevistadas e as professoras que contribuíram com sugestões durante o processo de pesquisa e escrita. No segundo capítulo, descrevo parte das trajetórias das mulheres sábias que entrevistei, além do seu envolvimento mais subjetivo ou transformador com algumas plantas. No terceiro capítulo, discuto as interações, trocas e imersões destas mulheres no mundo das plantas e nas relações com outras pessoas, além de olhar para os espaços em que vivem. Busquei compreender também as percepções que elas trazem sobre a Emergência Climática e sobre os lugares que ocupam a Permacultura e a Agroecologia em uma necessária transformação social. No quarto capítulo, elenco algumas plantas que foram consideradas pelas entrevistadas um 'pronto socorro', um conjunto de plantas que ajudam em uma emergência para diferentes tipos de males. Além disso, discutimos elementos das perspectivas da Medicina Tradicional Chinesa, do poder energético, e do inventário de plantas que elaborei junta com as interlocutoras. Aqui exponho um pouco do universo de cada entrevistada, e vários temas que aparecem nos outros capítulos se entrelaçam.

Importante ressaltar que, embora o conhecimento destas mulheres seja imenso, por isso faço questão de chamá-las de mulheres sábias, este é um trabalho acadêmico escrito por uma profissional das Ciências Humanas, que não tem a pretensão de apresentar prescrições ou dar receitas para tratamentos. Sugiro que, quem se interessar pelos conhecimentos aqui apresentados, busque fazer uma visita a cada uma delas, ou procure um Centro de Saúde que valorize as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)⁸, que vem sendo implementadas

alimenta esse tipo de perspectiva: "Essa escassez fabricada estimula a reprodução e o consumo desenfreado na esperança que eles tragam segurança."

⁸ Para uma lista da PICs que atualmente são aceitas pelo Sistema Único de Saúde, SUS, veja o apêndice C, no final desta monografia.

em maior ou menor medida a depender da Unidade e das políticas municipais. Como a leitora pode ter percebido nestas páginas da introdução, estou usando neste texto tanto a primeira pessoa do singular, como do plural. Este uso misto se fez necessário, considerando que algumas vezes sou eu quem afirma algo, e às vezes o texto compõe de todas essas vozes, das entrevistadas, das plantas, das bibliografias de que fiz uso.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

Peço licença para contar um pouco da minha trajetória como pesquisadora antes desta pesquisa. Eu vim morar em Florianópolis no final de 2012, para fugir do caos urbano de Porto Alegre⁹, para me curar e terminar de escrever a tese de doutorado em História. Morar num apartamento em cidade grande foi algo que me afetou demais, mesmo assim não deixei de ter algumas plantas: uns temperinhos e uma arruda, cuja muda fiz de galho, colhido numa das minhas peregrinações pela cidade quando eu não conseguia me concentrar para escrever.¹⁰ Uma das coisas que me dava alento naquela cidade era frequentar a Feira dos Agricultores Ecologistas, no Bonfim.¹¹ Eu estava perdendo o sentido de existir. Quando ingressei no doutorado, eu acreditava (ou fingia acreditar) que a minha pesquisa, sendo uma interpretação crítica da realidade, poderia de alguma forma transformar essa realidade. A pesquisa seria lida por umas poucas pessoas e a realidade era bem mais complexa do que eu podia imaginar. Talvez tenha sido apenas uma crise de percepção, ou melhor, talvez a minha percepção sobre o mundo tenha finalmente despertado e isso gerou um caos interno, com o qual quase não consegui lidar.

Naquela época eu não era uma pessoa que gostasse muito de flores, alguns anos de estudo da História e uma rotina acadêmica tinham me tornado uma pessoa dura. Bem diferente da adolescente que cultivava violetas para buscar um refúgio das lembranças da morte do vô e da vó em um acidente de carro no qual eu estava presente e que também poderia ter dado fim a minha vida. Eu tinha lido uns trechos do livro espírita “violetas na janela” e foi nessa época que tive uma coleção dessas

⁹ É significativo que justo no momento em que escrevo este TCC a cidade de Porto Alegre e seus arredores esteja passando um evento extremo de enchentes muito triste.

¹⁰ Lembro do local da colheita, foi num canteiro de rua em frente à Fundação Gaia, no bairro Santana.

¹¹ Na verdade são duas feiras no que parece apenas uma. Tem a Feira dos Agricultores Ecologistas, criada em 1989, e a Feira Ecológica do Bonfim, criada em 1991 com o aumento da demanda. É uma das maiores feiras a céu aberto do Brasil, sempre ouvi falar que era a maior feira orgânica da América Latina, mas o site de um dos produtores, afirma que é a maior do mundo. Afora essa questão influenciada pelas grandezas da nossa sociedade de maiores feiras, a Feira do Bonfim é de fundamental importância para o movimento da agroecologia. Informações disponíveis em <https://sul21.com.br/noticias/geral/2021/08/feira-ecologica-do-bom-fim-completa-30-anos-ofertando-alimento-organico-na-capital/>, e <https://www.peroladaterra.com/feira-do-bom-fim/>. Acesso em 30 de maio 2024.

lindas flores, que, hoje sei, são de origem africana. Mesmo morando na cidade, eu nunca deixei de visitar meus tios que moravam na zona rural de Pelotas, onde passei parte da infância. Acho que essas visitas se intensificaram após a disciplina de Sociologia Rural, na especialização em Sociedade e Política no ano de 2008, em Pelotas.

Depois de passar aquela crise existencial em Porto Alegre, eu sentia que precisava, de alguma forma, ‘criar’ raízes. Entre 2012 e 2017, vivi em uma casa emprestada, no Rio Vermelho, às margens de uma borda da Lagoa da Conceição. Em 2015, foi a última vez em que inscrevi um trabalho num evento científico de História, o título era algo como “guardar para poder dar...”, onde eu pretendia mostrar como os dirigentes das Santas Casas de Misericórdia utilizavam seus capitais acumulados para praticar a caridade e assim obter mais ganhos. Eu cheguei a assistir os outros trabalhos do Simpósio, mas, no dia de apresentar, fiquei doente. Não era nervosismo, eu estava acostumada a apresentar trabalhos, era um não poder mais. Eu sentia que minha vida estava passando e que não era aquele o caminho que eu deveria seguir. Aquele tema de pesquisa não fazia mais sentido para mim. Voltar a pesquisar, no entanto, era um desejo presente. A especialização em Permacultura apareceu em um momento propício. Eu já tinha tomado contato com o curso assistindo a banca da Vanessa Staldoni sobre a relação entre a segurança alimentar e a Horta Comunitária do Muquém, e a divulgação de nova turma me levou a retornar para a universidade.

A pesquisa que desenvolvi para a construção deste TCC seguiu os caminhos da etnografia que é composta por um conjunto de “técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática de trabalho de campo a partir de uma vivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado” (Rocha; Eckert, 2008). A etnografia prevê esse contato mais profundo da pesquisadora com o grupo social a ser pesquisado. Neste caso, as vivências experienciadas por mim já aconteciam antes do início da pesquisa, o que me permitiu estar integrada aos coletivos nos quais as interlocutoras da pesquisa participam. Neste sentido, me aproximo da perspectiva de Andrade (2024), que se vê como integrante dos grupos pesquisados. Como afirmam Eckert e Rocha (2008, p. 21), durante o século XX “a tradição etnográfica se transformou lentamente em expressão de uma forma de conhecimento engajada e, por vezes, até mesmo militante”. Difícil não ser militante com o mundo caindo aos pedaços, ser militante pela vida, em defesa

da vida, pode estar próximo ao que Donna Haraway (2023) chamou de “ficar com o problema”.

A pesquisa foi construída a partir da prática e das vivências. O propósito foi uma observação participante em que, a partir de conversas, escutas e um caderno de campo eu fui elaborando o texto. Tive como propósito construir a experiência de um conhecimento significativo, aquele que a gente guarda na memória, busquei não ser ‘oralbeta’, expressão criada por Antônio Bispo para se referir às pessoas da academia.¹²As questões semi-estruturadas que constam no Apêndice D foram os principais guias das entrevistas e das conversas que ocorreram durante as observações e vivências de campo.

Este trabalho não passou pelo comitê de ética, no entanto, procurei ter muito cuidado e respeito com as entrevistadas. Uma versão inicial do texto foi enviada à elas, antes mesmo de ser encaminhada à banca. Optei por trazer seus nomes, porque considero seus conhecimentos de fundamental importância e gostaria de valorizar suas trajetórias. Não as considero objeto de pesquisa, mas professoras, mulheres com quem aprendo na prática diária.

As entrevistas foram realizadas em diferentes momentos e o roteiro semi-estruturado foi sendo construído ao longo do desenvolvimento da pesquisa. As questões que não tinham sido incluídas na primeira entrevista, foram feitas posteriormente por meio do *whatsapp*, diálogos que trouxeram aconchego para este momento da escrita. Cada uma das conversas considerou as trajetórias das entrevistadas.¹³Cada entrevista foi ouvida integralmente, pelo menos três vezes, e voltei aos registros orais para observar pontos específicos. Todas as citações procuraram ser fiéis à fala delas e estão entre aspas.

Além das entrevistas, realizei também observação participante. Frequento a assistência da TECO desde 13 de maio de 2022. O landé já faz parte da minha vida há mais tempo, porém, para esta pesquisa, foi de fundamental importância a participação nos Encontros Medicinais, que vêm ocorrendo gratuitamente desde 05

¹² Palestra de Antônio Bispo dos Santos na Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Vidal Martins em junho de 2022. Segundo o sábio quilombola, quilombolas, indígenas e povos tradicionais são chamados de analfabetos por não saberem ler e escrever, então ele chama os acadêmicos de ‘oralbetos’ por não aprenderem a partir da oralidade, por não terem memória.

¹³ As entrevistas foram gravadas e tem a seguinte duração: Iraci 50:11s; Denise 01:01:12s; Bettina 01:03:37s. As entrevistas com Denise e Bettina foram realizadas nos dias 01 e 02 de maio de 2024.

de setembro de 2023. Também pude visitar e permanecer durante um fim de semana (06 e 07 de abril de 2024), na propriedade da Iraci, em Alfredo Wagner/SC.

Fiz levantamento de referências em bases acadêmicas na internet sobre os seguintes temas: etnografia multiespécies, mulheres e plantas, umbanda, fitoterapia. Também fiz um levantamento nos TCCs da Especialização em Permacultura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que poderiam, de alguma forma, auxiliar neste trabalho e, coincidência ou não, todos os que tinham alguma relação com o tema que pesquiso foram escritos por mulheres. Embora sejam as mulheres as entrevistadas, a banca seja composta por elas, não houve intenção de excluir os homens neste debate. Pelo contrário, homens como o professor César Simionato e o Alésio dos Passos, o bruxo das plantas aparecem frequentemente nas conversas.¹⁴ Estes estudiosos são referência na cidade, e sua importância pode ser compreendida com a leitura da dissertação de Gabriela Prado Siqueira (2016).

Uma leitura bem importante para as reflexões deste trabalho foi uma obra de Filosofia escrita por um homem: “A vida das plantas”, de Emanuelle Coccia, que nos traz muitas reflexões sobre estes seres tão ignorados pelo pensamento ocidental que foi construído com base no humanismo, na valorização do que é produzido pelo ser humano:

Reduzindo a natureza unicamente ao que é anterior ao espírito (que, assim, é qualificado de humano) e que não participa de maneira alguma de suas propriedades, essas disciplinas se obrigam a transformá-la num objeto puramente residual, oposicional, para sempre incapaz de ocupar a posição de sujeito. (Coccia, 2018, p. 19).

Esta ideia é válida apenas para o pensamento que se convencionou chamar de Ocidental. Para muitos povos originários, comunidades quilombolas, tradicionais e de terreiro, todos os seres têm espírito. Assim, por exemplo, para os Wajãpi, todos os seres são gente, daí a necessidade de se ter um enorme respeito com as plantações, com a floresta e com a caça. Para os Guarani, os espíritos dos deuses e dos

¹⁴ César Simionato é médico, trabalhou na atenção básica à saúde e coordena o Horto Medicinal da UFSC. Alésio dos Passos tem especialização em fitoterapia e é talvez a pessoa mais reconhecida em Florianópolis no que diz respeito às plantas medicinais, ele atua ativamente nos Centros de Saúde apoiando a elaboração dos hortos medicinais e possui um jardim particular com grande número de espécies.

antepassados podem habitar nas plantas e nos animais. (Cabral 2020; Sigolo e Strappazon: 2022).

Ainda assim, a crença de que somente aos humanos é dado espírito e capacidade de comunidade, continua bastante presente na nossa sociedade. Isso foi expresso em um sábado de reposição de greve, quando plantamos uns araçás na escola que trabalho. Falei para os meninos e meninas cuidarem bem e conversarem com as plantas, pois assim eles nos dariam bons frutos. Foi interessante a reação de riso de uma das pessoas presentes. Ora, esse foi justamente um dos aprendizados que tive com a dona Iraci: uma das formas de resposta, de comunicação que as plantas nos dão são os frutos. Frutos que são a base das oferendas na TECO, segundo mãe Bettina “o que de melhor a natureza nos dá”. Essa percepção permite sentir que estamos integradas à Natureza. Esta mesma sociedade ocidental, que separa o humano da natureza, define que as desigualdades (difundidas com o colonialismo) entre homens e mulheres são ‘naturais’. A sociedade moderna, ao ter separado cultura e natureza, privilegiou a cultura produzida pelos homens brancos (machista, capitalista e patriarcal) como algo superior à natureza.¹⁵

Foi justamente o mundo moderno fundado na Europa colonialista que separou cultura e natureza. Para Anna Tsing (2022, p.29) este é um dos nossos principais problemas, a dominação e a domesticação causaram tamanha confusão que não sabemos se a vida na terra poderá continuar, porém: “os entrelaçamentos interespecies, que antes pareciam ser assuntos das fábulas, são agora matéria para debate sério entre biólogos e ecólogos, que nos mostram como a vida requer interação entre muitos tipos de seres. Os humanos não podem sobreviver tripudiando sobre todos os outros seres”. Nos últimos séculos também as mulheres passaram a reivindicar os mesmos direitos dos homens: “nossa presença desestabiliza a intencionalidade moral da masculinidade cristã, que separou o homem da Natureza.”

Essa humanidade, da qual Antônio Bispo dos Santos (2023) afirma não fazer parte, e que também vem causando o que alguns chamam de *antropoceno*,

¹⁵ Uma discussão bastante complexa e que não será feita neste trabalho está na tese de Oyrèrónké Oyewùmí (2021) “A invenção das mulheres”, onde a autora mostra que a divisão mais intensiva dos papéis masculinos e femininos e a interdição de que as mulheres ocupem alguns espaços é mais um resultado da construção da sociedade dita ocidental. Outro texto muito interessante para discutir o assunto é o artigo de Fabiana Maizza e Joana Cabral de Oliveira publicado na revista Mana. (Maizza; Oliveira, 2022).

plantationoceno ou *capitaloceno*, é uma pequena parte da humanidade, que impôs seu modo de vida ao resto do mundo, por meio do colonialismo, do imperialismo e da imposição do sistema capitalista. Seria melhor, como afirma Donna Haraway transformar a noção de humano em *húmus*:

O humano como *húmus* tem potencial, se pudermos picar e desfiar o humano como Homo, este projeto detumescente de chefe executivo autoprodutor e destruidor de planetas. Imagine um colóquio que não seja sobre o Futuro das Humanidades na Reestruturação Capitalista da Universidade, mas sobre o poder das Humusidades por um imbróglio Multiespécie Habitável. (Haraway, 2023, p. 62).

Interessante notar que foi traduzido por ‘imbróglio’ um termo do holandês antigo, *muddle*, que significa água lamacenta. Não sei se foi uma boa tradução, mas essa possível ‘lama primordial’ me fez lembrar da Orixá Nanã, que é Guia de Mãe Bettina. Na mitologia Yorubá, Nanã é a Orixá mais antiga, que está na origem dos mundos e forneceu a Oxalá, que também é Guia de nossa entrevistada, a lama para que criasse as pessoas (Prandi, 2001). A ideia que fica é deste sentir-se pertencente ao mundo, de uma continuidade entre a nossa matéria, como pessoas, e a matéria do mundo. Aqui também são importantes as reflexões de Coccia sobre a imersão no mundo. Mais uma vez aparece a questão da importância que damos às questões do espírito, as questões da natureza e do mundo material, a ideia de que as coisas não são separadas traz a técnica como uma manifestação do espírito no mundo: “Aquilo a que se chama técnica é um movimento desse tipo. Graças a ela o espírito vive fora do corpo do vivente e se faz alma do mundo” (Coccia, 2018, p. 38). Nesse sentido, é possível dizer que o espírito do homem ocidental, do homem branco, padece de doença do entendimento sobre a importância da vida. Em ‘*A queda do céu*’ lemos os relatos do Xamã Yanomami Davi Kopenawa, ele conta que mantém comunicação com os espíritos antigos dos brancos, que também estariam descontentes com os rumos tomados por seus descendentes. O ‘povo da mercadoria’ não conhece limites para a destruição.

Na Umbanda, aprendemos que os Caboclos não seguem caminhos traçados, pisam nas folhas, abrem caminho nas matas. Muitas vezes, quando falamos da necessidade do fim da sociedade capitalista, parece aos ouvidos de muitos algo

irrealista, utópico, mas não será melhor preferir a utopia à distopia? Concordo com Luiz Marques (2015, p.54) quando afirma que: “superar o capitalismo parece hoje um projeto político irrealista, o colapso a que este sistema está nos conduzindo e a desordem ambiental em que já nos está instalando, mostram que irrealista é não tentar superá-lo”. A crítica ao capitalismo e à humanidade aparece de forma explícita nas falas das entrevistadas, e essa crítica não surgiu de um questionamento da pesquisadora, mas de suas próprias percepções do mundo, como veremos adiante. Por isso, é importante que a Permacultura se mantenha crítica, que não se torne apenas um conjunto de métodos para serem utilizados com fins individuais de prosperidade, rendimento e acumulação de recursos energéticos. Se o Socialismo real não levou em conta a questão ecológica e acabou sendo mais do mesmo capitalismo e industrialismo na destruição ambiental, disciplinas como a Permacultura e a Ecologia que não tenham como pauta a questão social, racial e de gênero, correm o risco de ser apenas utopias individuais que não contribuem para transformação que precisamos para continuar como espécie no planeta. Essa crítica é muito bem construída em *Uma ecologia decolonial* de Malcolm Ferdinand (2022).

Espero que esta pesquisa de TCC seja mais um fio na complexa rede de conhecimentos que buscam uma transformação do mundo. As práticas nas quais estou envolvida enquanto pessoa e pesquisadora continuam e têm sido uma tensão permanente entre a escolha de participar delas mais intensamente e manter a dedicação aos estudos para este TCC. A escrita tem um prazo, mas as práticas continuarão acontecendo e dando sentido à vida, por menores que sejam, são sopros¹⁶ para seguir no mundo. Foi justamente o capitalismo que criou a especialização do trabalho e é disso que eu tenho buscado fugir. Como bem afirmou Eduardo Galeano:

En realidad, tanto los intelectuales, expresión que reduce las personas a cabezas, como los manuales, personas reducidas a manos, son el resultado de la misma fractura de la condición humana, el desarrollo capitalista genera mutilados. (Galeano, 2010, p.276).

Não pretendo nunca deixar de ser estudante, pois penso que, no momento em que julgamos algo consolidado e paramos de estudar, corremos o risco de

¹⁶ Sobre sopro, pneuma, geist ver Coccia (2024).

sermos, como dizia um antigo professor “idiotas especializados”.¹⁷ Quero seguir sim, por esses caminhos da Permacultura, da Agroecologia, e dos estudos de plantas medicinais. Quero continuar cultivando o meu jardim, as relações e saberes na Escola, no CS, na TECO, no landé, quero visitar mais a Comunidade Quilombola Vidal Martins. Quero seguir aprendendo e trocando o pouco que sei nos lugares por onde andar.

¹⁷ Esse professor, René Gertz, referia o sentido antigo da palavra idiota, de uma forma simples, ele dizia que idiota é aquele que olha apenas para o próprio umbigo. A reportagem da BBC explica esse uso para designar como idiotas as pessoas que viviam apenas uma vida privada: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx7j1ev9vz3o>, acesso em 30 de maio de 2024.

3 TRAJETÓRIAS, ENCONTROS E RELAÇÕES COM AS PLANTAS

Neste capítulo investigo a trajetória das interlocutoras no que diz respeito às relações com as plantas. Apresento as formas de aprendizado que as entrevistadas tiveram sobre as plantas e os modos como seguem aprendendo e ensinando. Trago também a questão da interação e comunicação com as plantas.

3.1 UMA RELAÇÃO DE UMA VIDA INTEIRA OU UM DESPERTAR

Se acaso as leitoras viessem a conhecer as interlocutoras da pesquisa, certamente lhes pareceria que elas e as plantas são indissociáveis. Ao conviver e interagir com elas percebemos facilmente como as plantas são importantes em suas vidas. Então, uma das primeiras perguntas que fiz foi sobre como e quando começou a sua relação com as plantas. Denise e Bettina afirmaram que foi da vida inteira, uma relação que começou na infância, nos campos de Lajes, em Santa Catarina, e de Artigas, no Uruguai, respectivamente. Denise afirmou que não gostava das brincadeiras comuns, mas de estar na rua, e fazer misturas e ‘comidinhas’ com plantas, o que deixava sua mãe apreensiva, por medo de intoxicações. Para Bettina, a relação não era apenas com as plantas, mas com a terra de forma geral, as pedras, o barro, as madeiras e todos os elementos da Natureza: “sempre tive um encantamento com tudo que vem da natureza”. Aqui fica evidente a questão da integração, de fazer parte do todo, e das plantas também serem parte desse todo. Reflexão semelhante virá na fala de Denise quando questionada sobre a interação com as plantas.

Já para Iraci houve um momento de despertar essa relação mais intensa. Embora ela seja a única com origem rural, - pois tanto Bettina quanto Denise tinham contato com o campo, mas viviam nas cidades -, essa relação, embora possivelmente existisse, não era tão evidente. Me identifico com a percepção da Iraci, pois também nasci no campo, mas a vida urbana me consumiu até que houvesse um despertar para as plantas. Para Iraci, esse despertar se deu por meio da *tansagem* (*Plantago major* L.). Foi essa a planta citada quando pedi para mencionar uma planta revolucionária em sua vida. Segundo Iraci foi um colega de trabalho do hospital que tinha uma tia erveira e disse:

Pare de dar penicilina para essas crianças, use tansagem. Foi ali que me abriu uma luz, e daí, logo em seguida fiz o curso com a Maria Zatta, que é uma freira que dá cursos. Aí pronto, a enfermeira da penicilina, dos hospitais e dos plantões, virou erveira, hoje eu me sinto uma erveira (Iraci, entrevista em 07/04/2024).

Erveira, agricultora agroecológica, hoje dona Iraci está aposentada, e com 73 anos de idade tem uma energia incrível, que dá vida ao seu terreno de 3.000m² na localidade de Yamandú, município de Alfredo Wagner.

Mãe Bettina de Oxalá, antes de ser lalorixá, trabalhou muitos anos como paisagista aqui na Ilha. Embora uma infinidade de plantas preencha seu repertório, ela respondeu muito rapidamente que a mais significativa é a calêndula (*Calendula officinalis*). Isso porque esta planta está associada à uma Entidade que a guia: o Cigano Iago “é como se ele nascesse da flor da calêndula”. A calêndula também simboliza o sol, que dá vida a todos os seres, e pertence ao orixá Oxalá, do qual é filha. Bettina expressa da seguinte maneira a sua relação com a calêndula:

Amo todas as plantas e todas elas tem algum significado pra mim, mas a calêndula, ela é muito especial. Eu tenho um povo cigano que me acompanha, e esse povo, esse cigano que me acompanha, é como se ele nascesse da calêndula. A flor da calêndula, na minha concepção, ela é o sol. Então, o sol é toda a energia vital de tudo o que se cria na natureza, mesmo porque eu sou filha de Oxalá, e o maior símbolo de Oxalá é o sol. Então esse cigano me mostra a calêndula como uma flor divina, então eu tenho uma verdadeira paixão pela calêndula.

Interessante notar que a calêndula também é bastante significativa para dona Iraci. Era dessa planta que ela produzia uma pomada para tratar de queimaduras e ferimentos, aprendida com a Pastoral da Saúde, em Videira/SC, que distribuía para a população da mesma cidade e depois aqui do Rio Vermelho.

Numa conversa de whatsapp, Iraci me conta que sempre procura ter a calêndula em casa. Ela me deu uma muda para trazer aqui para o Jardim Saúde do Centro de Saúde do Rio Vermelho (CSRV), porque essa planta tinha sido muito importante na sua trajetória como enfermeira. Eu deixei a muda morrer, na verdade virou alimento dos caramujos (*Achatina fulica*) que ainda são um problema aqui em

casa. Conteí para ela, imaginei que entenderia, pois nem sempre é a falta de cuidado que faz a plantas não se desenvolverem, a morte faz parte.

Para Denise, foi difícil pensar em apenas uma planta, a primeira citada foi uma da qual é feita o floral de Bach *Impatiens* (*Impatiens glandulifera R.*), para ela, esse floral ajudou a controlar a irritabilidade e certa impaciência. Essa planta tem uma ‘parente’ nativa na África e muito plantada nos nossos jardins, conhecida como beijinho ou maria-sem-vergonha (*Impatiens valeriana Hook. f.*). Perguntei se ela produzia o floral, disse que já o fez, mas no momento presente utiliza os de Bach.¹⁸ A Guaçatonga ou “ou erva de bugre” (*Casearia sylvestris Sw.*), é segundo Denise uma planta maravilhosa, que merece mais estudos. Ela também citou a pariparoba (*Piper umbellatum L.*) que a fez mudar a percepção sobre os hidrolatos. Até então, via os hidrolatos¹⁹ apenas como produtos cosméticos, sem muitos fins terapêuticos. No entanto, pode experimentar bons resultados com seu uso no tratamento e prevenção do câncer de pele.

3.2 APRENDIZADOS E ENSINAMENTOS

Neste subcapítulo, apresento o modo como as mulheres entrevistadas aprenderam sobre o uso e o cuidado com as plantas. E também como elas continuam aprendendo e ensinando.

Iraci conta que o primeiro curso que fez foi com a freira Maria Zatta que “ensinava com a alma”, e depois participou de várias atividades da Pastoral da Saúde, podendo aplicar esses conhecimentos na prática da enfermagem, que exercia desde os quinze anos no município de Videira, quando ainda era a prática e não uma formação escolar, que garantia o exercício da profissão. A enfermeira aposentada relata ainda, em áudio enviado para mim, que essa escolha de ir trabalhar no hospital²⁰ teve uma relação com o fato de não ir bem na escola. Isso nos leva à questão de como a escola pode ser uma normatizadora de saberes e aprendizados.

¹⁸ A História dos Florais de Bach é bastante interessante. Há um documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkACS5WJ12o>. Acesso em 04 de maio de 2024. Hoje, há vários centros de produção de florais no Brasil: Florais do Sul, Florais de Minas, Florais de Saint German, etc.

¹⁹ Hidrolato é uma água com os vapores da destilação dos óleos essenciais. Os hidrolatos possuem as propriedades químicas das plantas, mas, diferente dos óleos essenciais, podem ser aplicados diretamente sobre a pele.

²⁰ Hospital Salvatoriano Santa Maria em Videira/SC.

No início da década de 1960, Iraci saiu da escola, após repetir pela terceira vez o quarto ano. Percebo na minha própria prática docente, como é difícil lidar com as especificidades, e diferentes formas de aprendizado de cada estudante.

Ao chegar no CS Rio Vermelho, a enfermeira Iraci ficou inconformada com o fato de usarem vaselina, um derivado do petróleo, nas queimaduras, que assim não curavam nunca. Ela começou a usar a pomada de calêndula que aprendeu na Pastoral da Saúde: “é feita com banha de porco caipira, tem que ser caipira, flor da calêndula e cera de abelha”. Fazia isso escondido, porque as demais colegas não aceitavam esse procedimento:

Então, a gente enfrenta coisas na vida, mas eu fui fazendo, fui fazendo, até que uma das coordenadoras começou a ver os resultados. Sempre nos postos de saúde têm as coordenadoras, os coordenadores e a gente tem que obedecer. Ela foi vendo os resultados, aí ela foi permitindo: - pode deixar, pode usar a tua pomada. Mas uma das coordenadoras me disse um dia: - você pare com essas tuas coisas, porque eu vou denunciar você para a Anvisa. Tudo isso eu enfrentei. E você pode ir presa, ela me disse. Eu disse assim: - olha, eu não vou parar de usar isso porque o resultado é fantástico, não tá fazendo mal para a pessoa, eu não vou parar de usar. Hoje ela é minha amiga, e hoje os postos de saúde estão até receitando espinheira santa com a calêndula para curar gastrite e úlcera. Então lá onde eu comecei não tinha ainda essa abertura, mas eu tô feliz de ver hoje que tem. Eu estava no olho do furacão porque estava no começo. E essa pomada, lá em Videira eu tinha costume de fazer uns 100, 200 frasquinho e distribuía, daí no Rio Vermelho eu também comecei a distribuir (Iraci, entrevista realizada em 07 de abril de 2024).

Quando veio morar no Rio Vermelho, ela também manteve intenso contato com os profissionais do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), que na época atuavam na gestão do Parque Estadual do Rio Vermelho, e com a Idézia²¹, moradora local que distribuía mudas de árvores entre a população, com quem aprendeu a fazer mudas. A participação no “Quinta das plantas”²² que

²¹ Não sabemos o sobrenome da Idézia. Perguntei para várias pessoas que a conheceram e ninguém lembra. A última notícia que tenho dela é de antes da pandemia, quando trabalhava junta com minha amiga Vânia Pierozan na horta que a Luci Choinaki manteve aqui no Rio Vermelho. Ela contou que tinha comprado um terreno no morro, sem especificar qual, aqui em Florianópolis e que ia se mudar.

²² O projeto “Quinta das Plantas” iniciou em 2010, na Affesc, que já tinha um grupo mais antigo de estudo de plantas. O projeto teve a participação do professor Alesio nesses anos iniciais. Eu lembro de ouvir sobre o “Quinta...” logo que vim morar aqui, mas só conheci o espaço em 2016, quando dei aula na EBM Osmar Cunha, chegando a levar alguns estudantes para conhecerem. Desde essa época, quem coordenava o projeto era a Edina da Rosa Antunes. O projeto chegou a estar presente aqui no

acontecia na Associação dos Funcionário Fiscais de Santa Catarina (AFFESC), também foi citada como fonte de aprendizados. Esses conhecimento, dona Iraci põe em prática na sua pequena, porém muito diversa propriedade. Foi uma escolha morar no campo depois da aposentadoria, justamente com o intuito de levar uma vida mais saudável:

Não é assim que eu aprendi porque eu li, porque eu estudei, é porque eu vim da roça, então eu tenho um pouco de conhecimento, eu vim com um pouco desse conhecimento, mas a pessoa que nasce num apartamento, e não tem essa vivência, tem outra mentalidade (Iraci, entrevista realizada em 07 de abril de 2024).

Perguntei à ela sobre a vizinhança, se ali havia outras pessoas que praticavam a Agroecologia, sua resposta foi negativa. Todas as residências ali ou são de agricultores convencionais das plantações de cebola, ou de pessoas da cidade que buscam um sítio com grama aparada e sem preocupação com cultivos diversos de plantas. Segundo a entrevistada é muito difícil que as pessoas de lá aceitem seus conselhos de plantio porque a veem como alguém que vem da cidade. Mas pequenas sutilezas são perceptíveis pela convivência e exemplo que seu espaço de vida dá. Uma delas foi a de uma agricultora ‘ceboleira’ que ficou encantada com a chegada de um beija-flor após manter algumas plantas presenteadas por Iraci. Somente um dos vizinhos possui uma pequena propriedade que ‘tem aquele sistema dos antigos, de usar o esterco’, mesmo este não parece aberto à ‘agrofloresta, como eu falo, eles têm uma dificuldade de aceitar um aprendizado novo. Então, quem faz assim bem desse jeito, aqui só eu.” Dona Iraci já tentou ensinar para as suas amigas que plantam cebolas a não jogar cítricos na horta, porque prejudicam as minhocas e “minhoca é tudo de bom”. Na sua propriedade ela mantém uma diversidade de plantas (ver Apêndice A), usa técnicas da Agroecologia, e dos povos originários, a exemplo do pomar para os pássaros, plantado em área íngreme em patamares “como os incas faziam”.

Denise possui graduação em Farmácia, desde que entrou para a universidade, tinha o intuito de estudar homeopatia. Nessa época, na década de

Rio Vermelho, mas essa é uma longa História, que não cabe em uma nota de rodapé. Por fim, ele acabou sendo retirado do bairro por motivos políticos e seguirá acontecendo em uma parceria com a UFSC.

1980, participou na UFSC da Associação para a Ampliação das Artes Médicas (APAAM). Segundo ela, era “uma casinha branca com janelas azuis”, tinha jardim de medicinais, Yoga para gestantes, estudava-se Homeopatia e Antroposofia. Depois ela fez uma especialização em Naturologia e realizou estudos de Medicina Tradicional Chinesa, Florais, Iridologia, além da prática de plantios em um sítio no município de Gravatal. Durante a pandemia, junta com o landé, por meio de um projeto chamado “Cuidando de nós”, colaborou com cursos para mulheres da Comunidade Chico Mendes, Ocupação Carlos Marighella²³, entre outras. O landé (significa nós, em Guarani), onde atua, é um espaço que agrega muitas atividades terapêuticas, artísticas e gastronômicas. Ela está sempre disposta a ensinar e compartilhar seus conhecimentos. A história do sítio que reflorestou em Gravatal (SC) está ligada aos cursos que começou a dar pelo estado com financiamento do Sebrae, Senar e da Epagri. No início dos anos 2000 ela largou sua primeira farmácia, denominada Alquimia, para ministrar cursos para grupos de mulheres, especialmente sobre ervas aromáticas e condimentares.

Em seu sítio, de 3 hectares, pôde colocar em prática alguns aprendizados. Segundo Denise, na época não se falava muito em agrofloresta, mas em regeneração. Ela plantou, em curva de nível, 300 mudas compradas na Apremavi, entre as quais sibipiruna, araçás branco e vermelho, pitangas de várias cores, ipês de várias cores, grumixama e juçara. Faz uso de muitas técnicas da biodinâmica, muita ‘bomba de sementes’ e adubação verde com mucuna, feijão guandu, entre outras.

Mãe Bettina nos conta que são os guias espirituais que a orientam sobre o uso das plantas. É dos ensinamentos de Pai José, um Preto Velho, que vem a frase que dá título a este TCC. Mãe Bettina a mencionou no “Encontros Medicinais” no landé ao falar sobre o nosso propósito de estar no mundo. Ela recebeu o ensinamento quando procurava uma erva que não tinha para auxiliar uma pessoa:

Então eu fui para o mato em busca dessa erva, e ele me disse.
Quando eu converso com ele e peço ajuda para ele para poder achar

²³ A Comunidade Chico Mendes é uma comunidade periférica localizada em Florianópolis, na parte continental, destaca-se por ser a sede da “Revolução dos Baldinhos” projeto iniciado pela CEPAGRO e continuado pela Comunidade. Para mais informações acesse a Cartilha “Revolução dos Baldinhos”. A tecnologia social da gestão comunitária de resíduos orgânicos e agricultura urbana, Cepagro (sem data), disponível em: <https://cepagro.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Cartilha-Tecnologia-Social.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2024. A Ocupação Carlos Marighella localiza-se no município de Palhoça/SC.

porque estava difícil, e ele me diz assim: - porque você não procura no teu quintal? E eu falei para ele: - eu não tenho essa erva. Então ele me disse: - as ervas nascem onde são necessárias filha, e assim como as ervas, você está onde é necessário. Então eu voltei, e eu entendi que as ervas nascem onde são necessárias, e assim como as ervas, nós estamos onde somos necessários. Porque a partir desse dia eu comecei a observar o meu quintal, simplesmente aquele quadradinho onde você vive, aquelas que nascem ali, porque cada erva que nasce ali, ela traz uma mensagem para você. Então quando eu voltei e comecei a observar, eu encontrei a erva que eu buscava, porque ela tinha nascido ali, porque era necessária, eu estava precisando dela (Entrevista com Bettina em 02/05/2024).

Além dos aprendizados espirituais, ela também fez cursos de Permacultura, Olericultura e Agricultura Sintrópica. Bettina dá cursos de Benzimento e de Magia das Ervas. Para ela, o conhecimento tradicional pela memória foi se perdendo porque as pessoas deixaram de praticar, “os conhecimentos ficavam na memória porque eram colocados em prática” (Bettina, fala nos encontros medicinais em 19/09/23).

Interessante notar que Iraci, quando passamos pelo Ginseng brasileiro (*Pfaffia glomerata*) em sua propriedade, e estávamos fazendo a brincadeira de quem adivinharia que planta era, mencionou o fato de estarmos passando por uma epidemia na atualidade, uma epidemia de memória. Além disso, como sociedade, vamos perdendo a autonomia ao depender da indústria farmacêutica. Essa fala da importância da autonomia nas práticas do cuidado, saúde e curas apareceu nas falas de todas as entrevistadas. Semelhantes justificativas para o uso das plantas apareceram nos trabalhos de Marília Gaia (2005), Adriane de Andrade (2024) e Gabriela Siqueira (2016). Usar as plantas não é somente quando e onde a farmácia não chega, mas uma forma de manter a autonomia.

Bettina trabalhou muito anos como paisagista e sempre procurou construir jardins que respeitassem os ciclos da natureza. Esse foi um dos aprendizados que conta ter tido: “a Permacultura me deu uma visão enorme a respeito disso, de respeitar, de entender melhor os ciclos da natureza”. Esses cursos ela fez quando morava no Sul da Ilha, onde permaneceu desde a década de 1980. Quem proporcionou o curso, ministrado por Jorge Timmermann, foi a dona da pousada onde trabalhava, chamada Recanto dos Tucanos.

Todas as entrevistadas, apesar de possuírem muito conhecimento sobre as plantas, se percebem como aprendentes. Em vários momentos suas falas são quase

idênticas, conforme percebo ao ouvir as entrevistas ou ler as anotações que fiz nos momentos de observação participante. Ao falar sobre as pessoas a quem presta atendimento no ‘Encontros Medicinais’ de cinco de maio de 2024, Denise afirmou: “eu sou a professora deles, e eles são meus professores, porque eu também aprendo com eles a cada dia”. O mesmo referiu Bettina em relação aos frequentadores/as e integrantes da TECO. Quando questionei como se sentia no papel de líder espiritual de uma casa tão diversa e por onde circulavam tantas pessoas que se apoiavam mutuamente, ela respondeu que se sentia apenas uma ferramenta. Assim também Denise respondeu quando perguntei como se sentia em ajudar as pessoas em seus processos de cura.

3.3 NOSSAS FILHAS, IRMÃS E AMIGAS: PARENTESCOS COM AS PLANTAS

Algo que chamou atenção na pesquisa foi o modo como Iraci trouxe a questão do parentesco com as plantas. Em vários momentos da visita, ela mencionou os frutos “como se fossem filhos” e as plantas como irmãs ou também filhas. Sobre as doações que fazia de mudas aqui no Rio Vermelho afirmou: “às vezes eu passava lá naqueles jardinzinho, via lá a cavalinha, a capuchinha, a calêndula, eu digo, olha, as minhas filhas tão tudo aí” (Iraci, entrevista em 07/05/2024).

Para Bettina, as plantas também aparecem como companheiras “são minhas melhores amigas”. Segundo a entrevistada as plantas se comunicam muito bem, nós é que às vezes não conseguimos compreender: “essa interação precisa ser mais percebida pelo ser humano, *falta essa percepção de inteligência dentro de uma planta*, a comunicação dela não é verbal, mas ela existe”. Segundo a Ialorixá, podemos perceber essa comunicação nas curas que as plantas nos proporcionam, nos comunicados que nos dão ao nascerem perto de nossas casas. Por exemplo, a *camomila (Matricaria chamomilla)* nasce onde falta uma boa comunicação, o *caruru (Amaranthus deflexus)*, onde é necessário melhorar a imunidade: “não que se precise consumi-las, elas vem dar um recado”. Embora em outras situações as plantas que nascem perto de nós sejam compreendidas como algo de que precisamos para nossas curas (essa fala é comum a todas as pessoas que conheci entendidas de

plantas), aqui Bettina se refere à uma outra forma de comunicação das plantas, elas nos ajudam a escolher caminhos, nos dão sinais de por onde devemos seguir.

No curso de Magia das Ervas, Bettina sempre propõe um exercício, três pessoas levam plantas para casa, uma conversa com palavras amorosas, outra ignora e outra trata mal a planta:

Você passa fazendo esse exercício por três ou quatro dias e depois você coloca essas três ervas juntas e percebe perfeitamente quem estava recebendo elogios, quem ninguém estava falando com ela e quem estava sendo maltratada, e isso é o que? É a comunicação das plantas, elas se comunicam com a gente, com certeza. Falta a gente entender como é essa comunicação e não ser tão soberbo de pensar que somente nós nos comunicamos, que somente nós temos esse poder de comunicar (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).²⁴

Denise não mencionou relações de parentesco, mas também percebe as relações de compartilhamento e comunicação, porém, mais relacionadas à sincronicidade que se estabelece a partir do momento em que estamos presentes e nos sentimos integradas à natureza. Em vários momentos de nossos Encontros, ela mencionou situações onde encontrou plantas que eram muito necessárias às pessoas. Em um dos relatos, feito na casa de dona Iraci, Denise contou sobre uma vez em que andava nas estradas do interior de Santa Catarina, na época em que dava os cursos para grupos de mulheres, parou para pedir água numa casa e encontrou uma mulher com várias crianças e muita dor no ventre. Ela foi olhar o que tinha no pátio que poderia ser utilizado e a única planta medicinal que tinha era justamente a necessária: mil em ramas (*Achillea millefolium*).

Há entre as entrevistadas uma proximidade e um respeito com as plantas. Em algumas falas acontece a comparação das plantas com as humanas. Segundo mãe Bettina, para o ritual do *Amaci*²⁵, as ervas devem ser colhidas logo antes do sol nascer:

Porque a gente respeita o ciclo da Natureza, e porque é o momento onde a potência energética das ervas está mais forte, antes delas começarem a trabalhar. Eu sempre explico que, as ervas, assim como

²⁴ As pesquisas na área da ciência já estão buscando compreender esses processos, um exemplo é a pesquisa de Stefano Mancuso (2019). Uma das questões propostas por Mancuso em seu livro "A revolução das plantas", é sobre como o modelo das plantas poderia ser vantajosamente utilizado para a robótica.

²⁵ Ritual do qual participam as filhas e filhos da casa, no qual são produzidos banhos e defumações para o ano inteiro.

nós, elas trabalham o dia inteiro e quando chega a noite elas precisam descansar porque estão esgotadas de tanto trabalhar, igualzinho que nós, então elas precisam descansar a noite toda, elas entram em dormência, então descansam a noite toda, pra se recuperar, aí elas vão se reenergizando, recuperando suas forças, igualzinho que nós. E quando chega de manhã cedo, antes do sol nascer, que elas precisam começar a trabalhar novamente, é quando a gente colhe, sempre com todo o respeito, pedindo licença ao pézinho que a gente vai cortar (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Boa parte das ervas para o ritual vem do próprio terreiro, as filhas da casa são orientadas a ter cuidado nas colheitas feitas na rua, evitando beiras de estrada pela poluição dos carros. Como conta Mãe Bettina, no ritual as ervas são secas para defumação, e também são feitos banhos, com águas da chuva, do mar e da cachoeira, que serão utilizados o ano inteiro para defumar o terreiro e para os banhos das filhas e filhos e também, eventualmente, para pessoas da assistência. Na figura 1, podemos ver um pouco do ritual. À esquerda vemos o preparo das folhas ainda verdes. À direita está Cláudia Leme Leite Ricardo²⁶, professora aposentada e integrante da TECO, com as folhas já secas e prontas para as defumações.

Figura 1 - Ritual do Amaci



Fonte: TECO, 2024.

²⁶ Tive a autorização da Claudinha para a publicação da foto.

O pedido de licença no momento da colheita, demonstra o cuidado e reconhecimento de que as plantas nos dão energias, substâncias curativas, nutrientes e alimentação. Afinal, as plantas não existem *para* nós, elas têm sua própria vida. Num dos *Encontros Medicinais*, Denise afirmou que as plantas não produzem as substâncias para a gente se curar, mas para elas mesmas. Quando fazemos uso das plantas estamos nos apropriando da vida (ou de partes vivas) de outro ser, nada mais justo do que pedir licença. Essa questão, de pedir licença para se apropriar de outras vidas, aparece muito nas narrativas indígenas, mas aparece também nos 'protocolos' das mulheres da Pastoral da Saúde (Siqueira, 2016). Esse reconhecimento torna-se fundamental se queremos buscar novas relações com as demais espécies.

O próximo capítulo aprofundará a análise sobre como as interlocutoras levam esses conhecimentos das plantas para suas relações com outros humanos, e também com a terra e os outros seres que compõem os ecossistemas onde atuam. Este reconhecimento de que as plantas são seres sencientes mostrou-se como a base para a construção das práticas de cuidado, saúde e cura.

4 CUIDADOS, CURAS, TROCAS, INTEGRAÇÃO, REDES E DOM

Neste capítulo apresento a forma como as entrevistadas compreendem suas práticas de autocuidado, saúde e curas, com as demais pessoas, e de como essas práticas as levaram a pensar na saúde e cuidado da Terra. Esses conhecimentos sobre cuidado vem na esteira de uma crítica ao capitalismo, explícita na fala das entrevistadas. Abordarei também o envolvimento das interlocutoras com a Agroecologia, a Permacultura e outras práticas que visam ao cuidado e preservação do Meio Ambiente, incluindo todos os seres que nele habitam.

4.1 - DOS CUIDADOS COM AS PLANTAS, DOS CUIDADOS COM A TERRA, DOS CUIDADOS COM NÓS MESMAS

Para Denise, quando aprendemos a cuidar da nossa alimentação, aprendemos também a cuidar da terra:

Quando a gente começa a olhar para a alimentação, a gente começa a ver a importância da agricultura, porque daí você sabe que um alimento que vem da agricultura orgânica, da agricultura que cuida da terra vai ser um alimento mais saudável, mais composto, e a questão energética também de quem produz o alimento. Então a gente começa, com a alimentação, a ver outros conceitos. Eu percebo que a gente começa a olhar para as coisas de uma maneira mais integrada, de não ver só as tabelas nutricionais, proteína, carboidrato²⁷. Você começa a perceber que tem outras questões ali. Quem começa a se preocupar com a alimentação, de cuidar seu corpo com a alimentação, começa a cuidar da terra também (Denise, entrevista realizada em 01/05/2024).

Isso me fez pensar que, talvez um dos grandes males do mundo é que não aprendemos a cuidar de nós mesmas. E não é uma 'culpa' individual, a sociedade capitalista não ensina o cuidado, mas a competição, o desempenho e a produtividade. Assim é na agricultura desenvolvida a partir da Revolução Verde (aliás, um nome bonito para algo tão catastrófico). Esse modelo hegemônico, em que matam-se todas as outras plantas (consideradas daninhas), que diferenciam-se daquelas da

²⁷ Mesmo se ficarmos nas tabelas nutricionais, elas são muito diferentes quando comparamos alimentos orgânicos com os plantados com venenos. Ver a aula do professor Sebastião Pinheiro: https://www.youtube.com/watch?v=_rRW2ub5hY0&t=6464s, consulta em 24 de maio de 2024.

monocultura, criando-se um desequilíbrio no ecossistema e ocasiona doenças nas plantas, que então são combatidas com agrotóxicos (Carson, 2010) . E mesmo com o discurso da ‘sustentabilidade’ (que virou mais um chavão) a eliminação de plantas pode acontecer, a exemplo de um anúncio de uma página de ‘sustentabilidade’ no Instagram que informa sobre um robô que utiliza IA e é ‘capaz de remover 100 mil ervas daninhas a cada hora de operação’.²⁸ Sabemos o quanto o capitalismo se apropria dos discursos, por isso, é importante uma compreensão real dos processos sociais e dos textos.

Trago uma fala da mãe Bettina no ato do 8M do ano de 2024. Foi precioso estar com as integrantes da TECO nesse dia, que contou com falas de abertura potentes, incluindo também a questão da Reforma Agrária, agricultura camponesa e povos indígenas e quilombolas.

Figura 2 - Integrantes da TECO durante o 8M.



Fonte: Fórum das Religiões de Matriz Africana de Florianópolis e Região, 2024.

²⁸ A postagem tem o título ‘será o fim dos agrotóxicos’, e está numa página chamada @meiosustentável. Veja em: <https://www.instagram.com/reel/C54JTTKRbrz/>, consulta em 05/05/24, 19:04h.

Durante a caminhada, que acontecia com chuva intensa, a Lalorixá contou que a chuva é de Nanã, ela vem para renovar, trazer novo ciclo, que limpa, não apenas no plano físico, mas também nossas mentes e espíritos. É certo que a força da chuva pode ser destruidora também, mas devemos sempre trazer à baila o quanto os eventos extremos têm relação com a Emergência Climática. O ciclo da água em si está inextricavelmente ligado ao ciclo da vida, nesse ponto é muito significativa a forma como o Glifosato, um dos principais agrotóxicos utilizados no Brasil atua, matando as plantas de 'sede'. (Oliveira, 2021, p. 69.)

Cuidar das plantas, verdadeiramente, requer cuidar da terra. As plantas crescem e vivem fixas, ao contrário de nós, não podem se mover para fugir das catástrofes (Coccia, 2018). Nós temos a opção, ainda que nem sempre, de fugir, migrar, as plantas precisam permanecer.

Conforme afirma Denise, as plantas compõem suas características para autoproteção, e nós humanos fazemos uso delas. Esse uso pode ser, muitas vezes, indiscriminado. Denise dá o exemplo do Ipê Roxo, árvore cuja casca pode trazer benefícios para alguns tipos de câncer. Essa descoberta levou à uma quase extinção da árvore, pois as pessoas passaram a retirar toda a casca, matando assim as plantas. Nesse ponto, podemos fazer diferença entre um uso popular que seria mais ligado ao ancestral e um uso 'pop', resultado da divulgação científica pelos meios de comunicação de massa, além da fitoterapia comercializada por laboratórios. Podemos dizer que a sociedade capitalista traz um uso das plantas centrado no interesse imediato, sem o respeito que elas merecem. Esse interesse imediato de muitas pessoas fica explícito no relato de Mãe Bettina sobre seu trabalho como paisagista²⁹:

Nunca fui a favor de usar químicos em nenhum tipo de jardim que eu fiz, talvez por isso eu não tenha feito dinheiro, porque paisagista na minha época que se inclinava para o orgânico e para o respeitar os ciclos da natureza não tinha muito coro. Tudo era muito rápido, você não esperava a natureza crescer, era pum, já estava! - Eu quero plantar uma grama aqui, um canteiro aqui, e já tinha que estar exuberante, para ontem e a grama, já pronta pra cortar (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

²⁹ Sobre uma proposta de paisagismo que conversa com a Permacultura, veja o trabalho de Vanessa Nunes (2021).

Essa fala se encontra com o relato de dona Iraci sobre os vizinhos que mantêm propriedades apenas para passeio:

Essas propriedades têm um chalezinho, aquela grama bem aparada que eles já contratam pessoas daqui para cortar, quando ela tá com três, quatro dedos de altura já mandam cortar. Eu digo assim para meu marido: - Já tão cortando de novo, eles querem passar cera naquela grama, porque eles não podem ver um mato, nada, eles têm essa visão. Aqui em cima, se eu te disser que uma pessoa tem temperinho, por exemplo, o manjericão, o orégano, o tomilho. Eu sempre pergunto pra eles: - vocês querem muda? Vem ali que dou. Porque se eles fizerem um canteirinho de temperinho quando eles vêm, já é ótimo. Nenhum quis fazer a hortinha de temperinho. Aí você vai lá ver, aquela grama linda, maravilhosa, tudo limpo, mas não tem uma planta (Iraci, entrevista realizada em 07/04/2024).

Conforme dona Iraci, as pessoas que mantêm as chácaras apenas para passeio não tem essa consciência do cuidado da natureza: “Se cada um compra uma chácara e derruba as árvores, daqui há pouco os pássaros não têm onde fazer ninho. Tem muito tucano, jacu, curicaca, e não tem onde pousar”. Além de doar mudas para reflorestamento, Iraci está fazendo um estudo de observação das curicacas que fazem ninhos em seus pinheiros, que irá publicar junto com um vizinho.

Ela nos conta da importância de ter a horta “toda bagunçada”, só assim nascem muitas plantas espontâneas, que são as plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e as medicinais. Ela afirma que para quem não tem o conhecimento “é só mato”, mas elas têm muitas propriedades curativas e nutricionais: “Quando você tem esse sistema ali nasce caruru, tanchagem, beldroega, e se você tem aquele sistema de deixar tudo limpinho, arrumadinho, canteirinho, não tem isso”. Iraci nos conta que “tem algumas plantas que a gente diz que é inço, os insetos vão nelas e não vão na couve, por exemplo, é bem interessante você deixar a terra se regenerar por si mesma, você ajudar ela a se regenerar”. Ela conta que quando chegou na área onde hoje habita, “não tinha quebra pedra e nos últimos 3 anos tá nascendo picão, e quando eu comprei não tinha”. Eu lembro que na visita ela falou da avenca também que queria ter e depois de um tempo, nasceu sozinha.

O acesso à alimentos orgânicos cultivados por ela mesma, faz Iraci ter uma ótima saúde física e mental. Perguntei a Mãe Bettina sobre a importância de cuidarmos do corpo para o espírito:

Segundo Pai José o nosso corpo é a bila sagrada. A bila é um pote de cerâmica que nós utilizamos para fazer as feitura de santo, para entregar nosso Ori para o Santo. E ali dentro está a essência do nosso Santo. Então ele diz que o nosso corpo é a bila sagrada, e que então a gente precisa cuidar do nosso corpo, tanto quanto do nosso espiritual. Nós não fazemos nada, hoje, aqui, na terra, sem o nosso corpo e também sem o nosso espiritual. Eles precisam caminhar juntos. Então, a alimentação, a forma como nós nos comportamos aqui sobre a terra reflete em todos os sentidos na espiritualidade (Bettina, entrevista em 02/05/2024).

Cuidar de nossos corpos, cuidar consequentemente da terra que nos sustenta, cuidar do espírito que sustenta nosso sopro neste mundo. Tudo isso está presente nas falas das entrevistadas. É possível que a partir do nosso próprio cuidado, possamos ampliar os cuidados com os demais seres. Mas isso só é possível se este cuidar de nós estiver vinculado a alimentos que vem de uma terra bem cuidada, sem veneno, com mais vida. Esse cuidar de nós só é possível com mais autonomia, sem depender demasiado da indústria que se apropria do conhecimento popular, sintetiza e nos faz dependentes no mercado. Não é um cuidar de nós mesmas de forma egoísta, centrado na indústria cosmética, no culto ao corpo. É um cuidar que olha para a questão da partilha justa e do (com)partilhar. Sobre esta questão o conceito de “Saúde Única” (Silva, 2023), é importante e tem sido usado por instituições de pesquisa e órgãos governamentais para pensar em uma saúde dos humanos, animais, e meio ambiente de forma integrada. Embora as definições que li deste conceito não incluam nomeadamente as plantas, penso que a partir do que mostramos até aqui, é possível perceber sua importância para a saúde vista de uma forma holística. Assim, continuarei debatendo no próximo capítulo, como as nossas interações com o meio também tem interferido profundamente na saúde do planeta como um todo.

4.2 - SOBRE NOSSAS INTERAÇÕES COM O MUNDO: EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, PERMACULTURA, AGROECOLOGIA E SABERES DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Uma das questões que fiz para as entrevistadas foi sobre como percebiam as mudanças climáticas e o papel de nossas ações e de saberes como os da Permacultura e da Agroecologia para minimizar os efeitos da Emergência Climática.

Cabe lembrar que as conversas aconteceram antes da catástrofe que acometeu o Rio Grande do Sul neste maio de 2024.

Para Iraci, a Agroecologia é central, ela enfatiza sempre como a produção de alimentos melhora com essa perspectiva. Tanto Denise quanto Bettina veem a Permacultura, a Agroecologia, a Agricultura Orgânica como técnicas, e diferentes linhas teóricas que, assim como as religiões, buscam chegar a um mesmo fim. Conforme Bettina:

Eu vejo que nem as religiões, todos temos diferentes religiões, mas todos temos o mesmo objetivo a alcançar, então os caminhos são diferentes, mas o objetivo é o mesmo. Eu acredito que essas técnicas, de plantio, de vivência, e de tudo, todas têm o mesmo objetivo, que é alcançar o bem estar físico e espiritual, energético, melhor qualidade de vida. Eu acho que todas elas são só caminhos diferentes para chegar no mesmo objetivo (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Denise também traz a questão das “técnicas ligadas às teorias de alguém” se apresentarem como religiões que buscam se colocar como as certas. Me pareceu muito interessante seu posicionamento, com o qual me identifico: “tem coisas que vai ser melhor de um, de outro, e de outro, cada um vai ter as coisas boas e as coisas ruins. Acho que se fosse mais aberto assim, pegar e pinçar as coisinhas boas de um e misturar tudo e jogar num caldeirão ia ser melhor” [risada], (Denise, entrevista em 01/05/2024).

Todas as entrevistadas mostraram-se bastante desanimadas com os rumos tomados pela humanidade. Como expressa Mãe Bettina:: “Uma ferramenta tão maravilhosa que o divino nos entregou, como a natureza, e a gente não é capaz de entender e respeitar”. Todas as interlocutoras percebem as alterações climáticas, e trazem a questão da mudança nas florações. Bettina nos conta sobre o abacateiro de sua amiga:

Ele começa a florescer na primavera, mas o fruto vai se formar em março, abril ou maio do ano seguinte. Esse ano, por exemplo, esse abacateiro começou a florescer no final do verão. Esse fruto vai se formar no final do outono, lá no inverno, quando ele já tinha que ter amadurecido, e ter caído. Então você vê que se desequilibra absolutamente tudo, ele começa a perder as folhas no outono e ainda tem fruto, nossa, é descontrole total, e isso são as mudanças climáticas. A gente vê as queimadas, o subir das marés

desproporcionalmente, o el nino, la nina que cada vez estão piores, os degelos, então é totalmente um descontrole total. É a visão, na real é a visão de mundo capitalista, que não interessa, que não percebe que, é tão burro que não percebe que está acabando com seu próprio capital. Vai chegar uma hora que o homem não vai conseguir inventar, tudo ele inventa, tudo ele inventa um chip que melhora um monte de coisas, mas ele não vai poder inventar um chip que restabeleça a natureza. Então é muito triste, e é muito perceptível, muito forte. Sou meio decepcionada com o ser humano nesse sentido, vamos ver quando ele estiver com a corda aqui [no pescoço] talvez ele resolva fazer alguma coisa, e acorde (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Denise afirma que gostaria de ter mais esperança em relação à Emergência Climática: “é uma emergência mesmo”. Ela traz a questão de como o capitalismo se apropria do discurso da sustentabilidade:

Muitas coisas que são consideradas ecológicas, é só marketing, e é só para ganhar mais dinheiro, então, é tudo muito capitalista. Então você vê: - ah, tá usando a embalagem biodegradável, mas é só marketing, é só pra conseguir vender, atingir mais gente e fazer de conta. Então, é muito faz de conta, a gente vive num mundo de faz de conta, na minha ideia é isso. Daí me dá uma tristeza. Tá sendo tudo muito rápido, o que a gente pensava que ia ser mais para frente, é agora, aqui e agora (Denise, entrevista realizada em 01/05/2024).

Denise percebe essas mudanças também nas florações fora de época, nas plantas e animais morrendo, nas doenças todas, das bactérias, dos vírus. De modo semelhante, Iraci, fala sobre essas questões na visita que lhe fizemos, e foi a partir dela que incluí essa pergunta no roteiro semi-estruturado. Ela nos conta que nunca havia visto tanta chuva concentrada como as que aconteceram entre agosto e setembro de 2023. Infelizmente, cerca de um mês depois da entrevista, uma tragédia climática acometeu o Rio Grande do Sul, e seus resultados seguem sendo enfrentados enquanto finalizo esta escrita. Nesses dias intensos de chuva, Iraci pôde perceber os impactos em seu pomar, as flores do pessegueiro e da maçã caíram todas, os pequenos cachos que estavam se formando nas parreiras de uva caíram. No verão esquentou e uns mosquitinhos apareceram em massa. Na época do plantio, em setembro e outubro, ela plantou abóbora, feijão de corda, entre outros, por três vezes, e sempre apodreceram as sementes. Ela só conseguiu plantar em dezembro “só que aí não deu muito bem, porque aí já tinha passado o tempo de plantar” (Iraci, entrevista em 07/05/2024).

Esse foi o primeiro ano em que senti de forma mais intensa a Emergência Climática. Afora minhas impressões subjetivas, observei o caso da acerola que tenho em meu quintal e que está frutificando neste final de maio. Foi a primeira vez que isso aconteceu, visto que desde 2012 tenho acerolas em minha casa e nunca deram frutos nessa época, no máximo, frutificaram em março ainda.

As monoculturas estão acabando com a diversidade, desertificando algumas regiões da terra (Carson, 2010; Fausto, 2014; Oliveira, 2020; Wedig, 2021). Essa questão de pensar apenas no lucro sem considerar os modos de existência diversos, faz da terra apenas um capital a ser explorado. Bettina afirma que essa é uma atitude “burra”, pois os homens estão destruindo a natureza.

A agricultura de comunidades camponesas foi historicamente diferente, como nos conta dona Iraci sobre a propriedade de 10 hectares que sua mãe possuía em Videira, na década de 1950:

Minha mãe até tinha um sistema parecido com esse da Agroecologia. Ela nunca estudou nada, mas vêm de família. Ela dizia: -nunca queime as folhas, jogue na horta. Pau podre ela jogava na horta, ela já tinha esse conhecimento. Ela plantava tudo: amendoim, alho, sabe aquele alho de verdade, caipira, que eu nunca mais vi, ela plantava todo ano, março era tempo de plantar alho, ela fazia rocinha de alho. No tempo do amendoim, ela tinha amendoim pro ano inteiro, sabe, ela plantava até linhaça (Iraci, entrevista realizada em 07/04/2024).

A mãe de dona Iraci também mantinha vacas leiteiras. O leite engarrafado era levado pelos filhos para ser entregue na cidade quando iam para o “grupo escolar”. No livro “Permacultura Um” traz-se esta compreensão e valorização dessa agricultura de diversidade:

A produtividade líquida é apenas um valor a considerar. Na agricultura comercial, todo o valor é convertido em dinheiro, a diversidade na produção sendo menos importante. Na agricultura de subsistência³⁰, as necessidades humanas determinam o valor da produção, e como nossas necessidades são variadas, a produção também deve ser variada. (Mollison; Holmgren, 1981, p. 22).

³⁰ Nos estudos mais recentes não têm-se utilizado mais o termo ‘subsistência’, porque ele dá a ideia que este tipo de agricultura é apenas de sobrevivência, quando na verdade pode estar associado à uma diversidade qualidade de vida dificilmente possível na agricultura comercial.

Quando o capitalismo vai chegando no campo, as relações vão mudando, as pessoas começam a comprar mais coisas da cidade ou de outros produtores das redondezas. Pude observar isso pessoalmente na minha família. Meus tios continuam vivendo na mesma propriedade rural em que passei parte da infância, e hoje, a produção é menos diversa, tendo se estabelecido uma rede de comércio de frutas, produtos de padaria, entre outros.

Com respeito ao uso de medicamentos dona Iraci nos conta que sua mãe já gostava da farmácia, não utilizava muito as ervas, diferente das avós de Mãe Bettina que também viviam no campo:

Naquela época, os medicamentos alopáticos não eram muito fáceis de conseguir, e elas eram mulheres do campo mesmo. Quando minhas avós vieram para a cidade elas já eram bem velhinhas. Então lá no campo tinha que se viver, naquela época, hoje em dia não, mas naquela época, tinha que se viver com o que tinha ali, meio que na marra mesmo, vamos ver se isso aqui vai dar certo, que será isso? Como é com os povos originários, aprendendo com a natureza (Bettina, entrevista em 02/05/2024).

Aqui podemos perceber talvez uma diferença de geração, embora Bettina e Iraci tenham 10 anos de diferença. E também o capitalismo vai se instalando nos diferentes lugares em tempos diversos. Percebemos hoje como está cada vez mais difícil viver nas grandes cidades. Tenho acompanhado as notícias sobre o Rio Grande do Sul, e é realmente um cenário catastrófico, ver debaixo d'água lugares pelos quais eu circulava, me fez pensar sobre como estaria minha vida se eu tivesse ficado por lá.³¹ Iraci conta que quando vivia em Videira, uma cidade menor, não pensava em ter um sítio, mas quando veio morar em Florianópolis a ideia passou a fazer parte dos seus planos de aposentadoria:

Com tudo que eu tenho visto, assim como está difícil viver na cidade, no meu ponto de vista. Tem pessoa que é bem adaptada e mora num

³¹ Interessante notar que mesmo com a catástrofe, pouco os meios convencionais de comunicação têm falado sobre os impactos da ação humana no planeta e em como este evento está relacionado à Emergência Climática. A impressão que se tem é que, mais uma vez, pensa-se em reconstruir a sociedade com o mesmo modelo. Continuar ignorando essas questões trará mais sofrimento para as pessoas, precisamos começar a aprender. Acho engraçado que meus estudantes deboçam de mim, dizendo ah professora, mas tudo vem dos indígenas (trabalho bastante esses temas em aula), pois é, eu mesma não sabia e aprendi numa tira do 'Armandinho', desenhada por Alexandre Beck, Guaíba tem origem no tupi-guarani Guahyba e significa "lugar onde as águas se encontram". Disponível na internet em: https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt_BR, consulta em 26/05/2024.

apartamento e está feliz e tudo bem. Mas o que eu vejo, por exemplo, aqui nesse pedacinho de terra de 3.000 metros, que é pequeno, eu compro pouca coisa, eu compro o básico, porque o resto eu tiro tudo dali. Quando eu vou fazer o almoço, primeiro cedo eu vou trabalhar um pouco na lavoura, daí eu entro para fazer almoço, acendo o fogo, fogão à lenha eu uso direto, daí eu pego uma bacia e vou lá para horta, é quiabo, é vagem, é couve, é alface, eu fico pensando: - que que eu vou fazer de almoço hoje? Tem mais do que eu consumo praticamente, você entendeu? Como a gente come muito pouca carne, uma porque quando você vai tendo uma certa idade o teu estômago já não digere muito carne, eu pego ovo caipira ali da minha vizinha. Então eu penso, um pedacinho de terra assim desse tamanho a gente tem, uma boa parte do alimento sai dali: aipim, batata doce (Iraci, entrevista realizada em 07/04/2024).

Na descrição de seus plantios, Iraci não mencionou as abóboras, essas da foto abaixo, que foram compartilhadas com todos os visitantes. A alegria em colher o próprio alimento, certamente é um dos fatores que auxilia na saúde mental.

Figura 3 - Iraci colhendo abóboras



Fonte: Dani Rezende, 2024.

Esse espaço de abundância da roça de dona Iraci, indica o quanto a natureza nos dá, em alimento, que também é sinônimo de saúde. Essa importância da alimentação e dos frutos da terra, também pode ser observada nos rituais da Umbanda.

Esse cuidado da Natureza, da preservação ambiental também é muito forte na TECO, na qual há uma preocupação em não deixar pegadas, em fazer oferendas com frutas, flores e sementes.

Figura 4 -Oferendas na Curimba para lemanjá e Oxóssi



Fonte: TECO, 2024.

Na Curimba para Oxóssi (que são cerimônias públicas, em espaço aberto) sempre são distribuídas para a população sementes envoltas em barro, as bombas de sementes, para serem jogadas na terra. Na figura 4, vemos as oferendas que foram feitas em 2024, excepcionalmente, no mesmo dia da homenagem à lemanjá, no dia 02 de fevereiro. Foram levadas para a praia apenas flores brancas, essas flores não foram deixadas no mar, mas apenas mergulhadas ritualmente e depois levadas para casa com a energia e as bênçãos de Mãe lemanjá.

Todas as casas e pessoas com as quais tenho relação mais próxima, algumas de Nação em Porto Alegre, que fazem sacrifício com animais, têm essa preocupação de cuidado e não há desperdício de alimentos. No caso da TECO, há um aproveitamento de todos os alimentos das oferendas. Segundo Bettina, quando os Orixás vêm recebê-las, depositam ali sua energia, o que as torna especiais para o consumo. As oferendas feitas na Natureza, são imediatamente retiradas após os rituais e divididas entre os presentes.

A força da nossa religião, ela vem da natureza, então todos os seres da natureza são os nossos deuses, então o respeito e a preservação para nós, da natureza, é porque a Natureza é o nosso maior altar. Então, se a gente não deixa o nosso altar físico aqui com nenhum pózinho, ele tá sempre limpinho e tudo mais, não vai ser a natureza que é o altar mais importante que nós vamos depredar ou deixar sujeira (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Todos os alimentos das oferendas são consumidos, pois tem um Axé das entidades para as quais foram oferecidos.

Quando vem até nós a necessidade de agradecer aos nossos guias, a gente agradece com o que de melhor a natureza nos dá, que são os frutos. Então esses frutos são entregues aos nossos guias, aos nossos Orixás, e eles recebem isso, e eles se alimentam do teor energético. Eles não vem comer a fruta, é do teor energético. Então nós entendemos que quando a energia do Orixá ou do nosso Guia chega naquele alimento, ele deposita ali todo o seu Axé, toda sua força energética, é assim a troca energética que acontece. Então quando ele traz esse Axé para aquele fruto, para aquela fruta que foi oferecida ali, não é momento de despachar ou jogar fora, nós entendemos que se nós consumimos isso, então nós vamos estar consumindo o Axé que o nosso Orixá, que o nosso Guia colocou ali quando ele fez a interação energética. Então é mais uma maneira de nós estarmos recebendo todo esse potencial energético de cura que os nossos guias nos oferecem. Por isso, absolutamente tudo aqui é, vamos dizer assim entre aspas, não é nem sequer reaproveitado, é aproveitar. Porque ele nunca foi algo que deveria ser jogado fora, ele sempre foi algo que é para ser nosso novamente, por isso a gente consome tudo que nós entregamos para todos os nossos guias (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Em 2023, pude participar pela segunda vez do Ritual da Cachoeira, que aconteceu nos arredores da cidade de Palhoça, em 25 de novembro. A mensagem que recebi da Cristiane Queiroz do Nascimento, Mãe Pequena que faz a intermediação com o público da assistência, e a quem agradeço por todo o carinho e

atenção com que nos trata, traz as seguintes frutas e vegetais que poderia ser levados para cada Orixá: “OXALÁ: Uva Verde; NANÃ: Melão e Pera; IANSÃ: Manga; OGUM: Côco; IEMANJÁ: Melancia; XANGÔ: Maçã Verde; OXUM: Banana; OXÓSSI: Milho e frutas diversas; OBALUAÊ: Laranja Lima; BEIJADAS: Docinhos, frutas que eles consomem e flores coloridas; PRETO VELHO: Legumes como batata doce, abóbora, mandioca, etc.; CABOCLOS: Todas as frutas. EXU/POMBAGIRA: Frutas vermelhas em geral, sobretudo romã são destinadas as Pombagiras. Frutas amarelas ao povo cigano (vale ressaltar que quando falamos do povo cigano podemos fazer uma oferenda bem colorida). Abacaxi e limão siciliano - Exu do Lodo guardião da porteira da TECO.” (Cristiane, mensagem de *whatsapp* recebida em 24/11/2023).

Figura 5 - Ritual da Cachoeira



Fonte: TECO, 2023.

Na figura 5, podemos ver as filhas da TECO organizando uma grande oferenda para todos os Orixás. Na entrada do espaço foram feitas outras duas oferendas menores, uma para Ogum e a outra para os Exus e Pombas Giras.

Em vários momentos as entrevistadas relacionam esses saberes com os povos originários, um conhecimento ancestral que se perde na sociedade capitalista. Dona Iraci, que parece apaixonada por suas araucárias (seu sítio chama-se ‘Dois Pinheiros’) nos conta que, segundo os indígenas, ao abraçarmos esta árvore recebemos a energia do universo. Em conversa por *whatsapp* no dia 07/07/2024, Iraci

explicou que esse conhecimento sobre como os indígenas compreendiam as araucárias é popular na localidade. A área, que possuía ampla cobertura de pinheiros, foi ocupada no passado por indígenas da etnia Xokleng. Assim como a floresta foi sendo derrubada, os indígenas foram sendo expulsos com a chegada de colonizadores.³² Dona Iraci sabe que para a vida ser preservada, para as aves terem onde pousar e fazer ninho, as árvores são mais que necessárias, elas são fundamentais para a vida. Quando ela contou essa história sobre abraçar a araucária, imediatamente um dos integrantes do nosso grupo fez o gesto. Depois da visita ao seu sítio eu fiquei pensando que devia tê-la abraçado também. Na nossa educação colonial, aprendemos que essas coisas são bobagens, e por mais que eu esteja tentando me transformar, carrego muito dessa educação com a qual fui criada.

Figura 6 - Abraçando a araucária



Fonte: a autora, 2024.

³² Para um breve histórico das violências cometidas contra esse povo indígena e também as questões de denominação, veja-se: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng>. Acesso em 10/07/2024. A etnia kaingang também possui uma relação muito próxima com as araucárias. Era dessas árvores que esses povos indígenas tiravam boa parte de sua alimentação no período da colheita do pinhão. Recentemente foi lançado um bonito documentário sobre o tema, que aborda a luta política das mulheres indígenas, trata-se de “Mulheres Araucária”, dirigido por Camila Míg Sá e Kassiane Schwingel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MLTok0Kb86M>. Acesso em 10/07/2024.

Na mensagem que recebi da Cristiane, Mãe Pequena da TECO, com as orientações para o ritual da cachoeira, também estava escrito que:

Na antiguidade os nossos ancestrais trabalhavam ao ar livre, com os pés na terra envoltos pela floresta. Pensar que o solo que pisamos e vamos pisar já foi cenário dos cultos afro e indígena dos nossos ancestrais é de acalantar a alma e momento de agradecer de todo o coração. (Cristiane, mensagem de *whatsapp* em 24/11/2024).

Nesse ponto sempre me vem a questão da branquitude, me reconheço como uma pessoa branca, não entrei nessas questões com as entrevistadas, mas me marcou muito quando Davi Kopenawa (2015) fala que os espíritos dos antigos brancos não estão nada satisfeitos com o que estamos fazendo com a floresta. Starhawk (2018) também traz a questão de como alguns povos europeus antigos cultuavam a floresta. E esse posicionamento não é uma forma de desculpar-me, mas de reconhecer que os meus ancestrais mais recentes também fizeram parte da cultura de destruição e racismo³³, mas que a História é movimento, sempre é tempo de mudar, de aprender, de reconhecer a importância do conhecimento ancestral, acumulado por milênios de convivência na e sendo parte da natureza.

4.3 - “INTENÇÃO DE SER E ESTAR NESSE LUGAR”: OU SOBRE COMO AS ENTREVISTADAS PERCEBEM SEU LUGAR NO MUNDO E NAS TROCAS COM PESSOAS E PLANTAS.

A frase que abre este subcapítulo é de Denise na abertura do “Encontros Medicinais” de 10 de maio de 2024, a referência é quanto ao porquê de estar organizando esses encontros. O landé não é somente um lugar de comercialização de artes, gastronomias, e práticas de saúde, para que o espaço possa se manter e também as/os diversos profissionais que ali atuam. O landé é um lugar de encontros,

³³ Bem recentemente soube um tataravô negro, lembrado por minha tia como Rodrigues, que vivenciou episódios tristes de racismo e segregação. Minha mãe também conta um fragmento de uma história de um bisavô seu que, ao chegar da Alemanha, teria roubado uma cigana de um acampamento, história que ela não sabe dizer se foi de amor ou de violência. Hoje reconheço que tenho os privilégios da branquitude. Me incomodam os argumentos recorrentes de pessoas brancas que eximem-se dos debates sobre racismo por terem pessoas negras na família, quando o racismo acontece também nessas relações interraciais.

trocas, de saberes, plantas, afetos, sempre calorosamente intermediadas pela Dê (como chamamos a Denise) e pela Marilúcia Mena Barreto, a Malu, proprietária do espaço que acabou se coletivizando. São muitas pessoas que atendem ali, muita gente que circula pelas diversas atividades. Oferecem aula de canto, salsa, tango, forró, almoço funcional nas quartas feitas, constelação familiar, iridologia, psicoterapias de diversas linhas, reiki, e algumas mais. Tem também uma lojinha com artesanatos locais. Durante quase um ano tivemos uma festa chamada “DJ por um dia” que ocorria mensalmente, era gratuita e colaborativa (em cada festa alguém colocava o som e todos levávamos comidas e bebidas para compartilhar). Os Encontros Medicinais são gratuitos, podendo haver colaboração espontânea que será revertida para projetos sociais. Existe sim o comércio, e, segundo Denise, umas das principais entradas é a venda dos óleos essenciais, que em sua maioria vem em grande quantidade do estado de São Paulo. Há sim uma preocupação em valorizar a produção local, por isso procura-se usar o máximo os óleos de produção local nos produtos feitos no landé, como loções, desodorantes, sabonetes, etc. Óleos como melaleuca, cedro e erva baleeira elas conseguem de produtoras de Santa Catarina, como a Marli de Oliveira Costa, de Criciúma/Imaruí, e a Silveti Matujacki Koscrevic, de Laguna. Também tem o Sítio Florbela no Sul da Ilha que produz óleos essenciais, mas em pequenas quantidades, não sendo possível a comercialização em escala mais ampla.

Para além do comércio, os chás e plantas costumam ser doados. No pátio do landé tem, por exemplo, mentruz, cravo de defunto, feijão guandu, colônia, penicilina, cana de macaco, insulina, guaco, vetiver, mil em ramas, poejo, ora-pro-nóbis, mulungu, boldo de pinguço, capim limão brasileiro, calêndula, apenas para citar algumas. É comum que estas trocas de plantas não sejam relações comerciais, e isso traz uma questão muito importante nos nossos dias, manter outras relações, não reduzir todas as interações humanas à trocas comerciais, tendência do capitalismo.

Sobre essa questão, trazemos uma fala do professor Paulo César Simionato, médico responsável pelo Horto do HU, sobre quando fazia atendimento em um Centro de Saúde do município e, ao indicar plantas, observou as relações de troca que foram se estabelecendo entre as/os consulentes: “foi uma troca em que não entrou dinheiro,

nada, era um ser humano que podia ajudar outro ser humano a partir das coisas que nós encontramos dentro da natureza, e isso nós estamos perdendo.”³⁴

Essas relações também estão muito presentes na TECO. Frequento a assistência da Tenda Espírita desde 2022, e sempre percebi muita abundância nas oferendas e compartilhamento com as pessoas presentes. A TECO também se envolve em muitas ações de solidariedade com outros grupos, por isso, realiza constantemente campanhas de arrecadação de alimentos. Para participar das sessões da assistência nos é sugerido que levemos um quilo de alimento. São feitas campanhas para acontecimentos específicos também, como foi o caso recente de arrecadações para o Rio Grande do Sul. Perguntei pra Mãe Bettina como ela se percebe nesse papel de lalorixá da TECO que movimenta tantas pessoas em ações diversas:

Eu acho que eu sou a Velha Bruxa, que tem que estar, que leva todos esses bruxinhos, a entender melhor o caminho, da espiritualidade, do respeito pela natureza. Você conhece a TECO, pra nós não existe espiritualidade sem respeito à natureza, nós não concebemos uma coisa separada da outra. Eu sou simplesmente uma ferramenta de auxílio para todos esses filhos, essas pessoas que frequentam a TECO. Assim como eu recebo essas orientações dos meus guias, eu tenho que passar adiante para essas pessoas que dependem de mim espiritualmente. Eu sou a professora deles, e eles são meus professores também, porque eu também aprendo com eles (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

Já mencionamos anteriormente a frase que coincide com a de Denise, essa consciência de seguir sempre aprendendo é de uma sabedoria que inspira, não importa quanto conhecimento se possa acumular, se formos olhar para o todo, sempre sabemos pouco. Penso que essa humildade é fundamental nestes tempos de tanta arrogância em que vivemos.

O landé também se envolve bastante com atividades de solidariedade. Neste mês de maio, aconteceu um mutirão para produzir sabão e produtos de limpeza naturais para o Rio Grande do Sul.³⁵

³⁴ Fala aos 24:34s, nos Encontros Decoloniais, atividade de extensão promovida pela UFSC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1iGJ3yiaNAY>. Acesso em 19 de maio de 2024.

³⁵ Mesmo não tendo podido participar, pelo grupo dos “Encontros Medicinais” tive acesso a uma receita que já foi replicada na escola, junta com a professora de ciências Maria Balem, fizemos uma experiência da bioenzima de limão com uma das turmas do Projeto Integral.

Dona Iraci não faz parte de um coletivo específico, mas suas ações continuam chegando em diversos lugares. Foi só conhecendo ela que eu descobri que as mudas para um canteiro de medicinais que foi feito pelas professoras Jéssica Wink e Cleia Slongo, com a ajuda do porteiro Nilton Felipe da EBM Maria Conceição Nunes (escola municipal do bairro Rio Vermelho, na qual trabalho) tinham vindo do seu sítio. Conversando com a Cátia Guimarães, professora de Ciências³⁶, descobri que algumas das árvores que hoje estão adultas na escola também foram plantadas por dona Iraci. Ela doa mudas para reflorestamento nas redondezas de sua morada e em suas falas a questão de compartilhar está muito presente.

Mesmo aposentada, Iraci segue em movimento, o que segundo ela ajuda a manter a saúde física e mental. É por demais perceptível a alegria que lhe traz cultivar o jardim, a horta e o pomar. Esse lugar no mundo que ela ocupa me fez refletir também sobre meus planos para o futuro. Às vezes eu tinha o pensamento de que ir para o campo depois de ter mais idade seria difícil, e o que percebi, no caso de dona Iraci, foi que este movimento melhorou sua qualidade de vida. Em uma propriedade pequena é possível tirar boa parte da alimentação para a existência. Esse plano de um dia sair da Ilha, ficou ainda mais presente depois da catástrofe que acomete o Rio Grande do Sul. Segundo estudos apresentados por Alessandra Fonseca, professora da Oceanografia da UFSC, cuja apresentação assisti em uma audiência pública sobre a poluição das águas no norte da Ilha em 11/05/2023³⁷, é previsto que até 2050, boa parte da Ilha esteja submersa. Eu já passei por uma enchente em 2004 em Pelotas e sei bem como é difícil, embora eu tenha conseguido retirar a maioria dos pertences pessoais. Não que a gente possa estar completamente segura, mas estudar essas questões, e levar a sério a prevenção e o planejamento para eventos extremos é algo que aprendi com a Permacultura. Mas enquanto não vou embora, sigo aqui fazendo meu trabalho de 'formiguinha', aprendendo e ensinando, lutando e cobrando das lideranças que tenham posturas mais éticas.

³⁶ Em 2013 houve uma tentativa, por parte da professora Cátia de incluir a permacultura no PPP da escola, a ideia não foi acolhida na época. Mas quando cheguei lá em 2015, para trabalhar como professora ACT, a horta que tinha sido construída com orientação do professor Arthur Nanni seguia lá e pude ter esse contato. No ano seguinte foi feita uma obra que destruiu a Horta.

³⁷ O áudio dessa audiência está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNgZzh7R8DY>. Acesso em em 26/05/2024.

5 ENTRE PLANTAS, BENZIMENTOS E CUIDADOS: UMA AMPLIAÇÃO DAS FORMAS DE CURA

Neste capítulo elenco algumas plantas que as entrevistadas consideraram essenciais para termos em casa, como se fosse um ‘pronto-socorro’ básico.³⁸ Aliás, a ideia de questioná-las sobre isso veio de uma proposta dos Encontros Medicinais: nos próximos encontros o grupo buscará fazer um manual básico para pronto socorro. Também trago uma breve abordagem sobre a amplitude das práticas de cuidado, saúde e cura por onde circulam as entrevistadas.

5.1 ALGUMAS PLANTAS ESSENCIAIS

No Encontro Medicinal do dia 10 de maio, Denise afirmou que esse manual básico de plantas, seria como um “manual do fim do mundo” o que me fez lembrar das ideias de Krenak (2020) para “adiar o fim do mundo”. Venho comentando a afirmação de Krenak com os estudantes do oitavo ano nas últimas aulas, aquilo que nós estamos vendo agora como fim do mundo ao percebermos a Emergência Climática, as populações indígenas da América estão vivendo há 500 anos, com a derrubada das florestas e os genocídios e etnocídios que ocorreram com suas populações. Ter algumas plantas em casa em tempos onde a circulação de pessoas pode se tornar cada vez mais difícil (a exemplo da recente pandemia de COVID-19), nos traz uma autonomia para cuidados básicos.

Quadro 1 – Plantas essenciais para Denise

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS
1 ALECRIM	<i>Salvia rosmarinus</i>	Traz alegria, digestivo, bom para o fígado, e seu uso externo é dores musculares.

³⁸ Os nomes científicos foram colocados por mim, quando me pareceu ser correta a correspondência com os nomes populares, não foi feita, porém, uma identificação das plantas.

2. LAVANDA	<i>Lavandula angustifolia</i>	Antisséptico, calmante, alergias, picada de insetos, fungos.
3. EUCALIPTO	várias espécies	Vias aéreas superiores (rinite, sinusite), muco, escalda pés para cistite. ³⁹
4. ALOE VERA	<i>Aloe barbadensis</i>	Pele, queimaduras, eczemas, hidratante.
5. ESPINHEIRA SANTA	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Digestivo, cicatrizante, gastrite e úlceras.
6. ALECRIM DO MATO, VASSOURA DO MATO, VASSOURINHA	<i>Baccharis dracunculifolia</i>	Imunidade, digestiva, diabetes, tônica, expectorante.
7. GUAÇATONGA, CAFEZEIRO DO MATO	<i>Casearia sylvestris</i>	Depurativa, pele, estômago.
8. ABACATE	<i>Persea americana</i>	É uma super fruta rica em Ômega 3 e suas folhas são diuréticas e depurativas.
9. MULUNGU	<i>Erythrina dominguezii.</i>	Questões de estresse, ansiedade, insônia.
10. DENTE DE LEÃO	<i>Taraxacum Officinale</i>	Depurativo, importante poder mágico e energético. ⁴⁰

Fonte: elaborado pela autora a partir de entrevista gravada, 2024.

Como essa questão de perguntar as plantas essenciais surgiu depois que eu já tinha feito a entrevista com a Iraci, continuamos o diálogo por *whatsapp* e ela foi me contando sobre as plantas, sobre suas concepções de saúde e espiritualidade. Das plantas que ela citou como essenciais, certamente a que está mais presente em sua

³⁹ Neste caso, tive a oportunidade de experimentar. Comentei com a Dê numa sessão de Caboclos da TECO que estava com vontade de ir no banheiro à todo momento, eu estava associando este sintoma à questões de ansiedade, mas ela disse que podia ser um início de cistite e recomendou o escalda pés, que teve efeito quase que imediato.

⁴⁰ Sobre essas questões ver o capítulo 5.2.

terra é a cúrcuma ou açafrão da terra. E ela já nos convidou para a colheita em setembro⁴¹, porque produz muito e tem alegria em compartilhar, e nos conta que para ter uma boa saúde devemos consumir a cúrcuma todos os dias, “as pessoas pensam que joga um pouquinho no arroz de vez em quando está sendo beneficiado, não, tem que usar uma colher de chá, um exemplo, mais ou menos uma quantidade dessas, todos os dias”. Dona Iraci conta que aprendeu seu uso com o Laércio⁴², na Quinta das Plantas e que foi seu uso que curou as dores que tinha no quadril.

Quadro 2 – Plantas essenciais para Iraci

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS
1 CALÊNDULA	<i>Calendula Officinalis</i>	É a enfermeira das plantas, potencializa o poder das demais. Para alergias e para queimaduras.
2. BABOSA	<i>Aloe barbadensis</i> <i>Aloe Arbolensis</i> <i>Aloe Saponária</i>	Queimaduras, curar feridas, ingerida para gastrite.
3. ESPINHEIRA SANTA	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Estômago, gastrite, auxílio da úlcera.
4. BOLDO GRAÚDO	<i>Plectranthus barbatus</i>	Para o fígado, macerado com água fria
5. TANSAGEM	<i>Plantago major</i>	Para amigdalite, garganta, dá pra fazer chá, mascar a folha com mel e usar a propolína. ⁴³
6. CÚRCUMA	<i>Curcuma longa</i>	Cura as inflamações

⁴¹ Cabe mencionar que a colheita teve de ser antecipada, possivelmente mais um sintoma das mudanças climáticas. Costuma-se colher a cúrcuma quando as folhas secam e, neste ano, secaram mais cedo.

⁴² Dona Iraci não recorda seu sobrenome.

⁴³ Fazer um chá com oito folhas de tanchagem para meio litro, ferver 1 ou 2 minutos, quando estiver morno, colocar num vidro com duas colheres de mel, 30 a 40 gotas de própolis. A mistura deve ser dinamizada, assim como na homeopatia, por 100 vezes deve-se bater o vidro na palma da mão acima da cabeça. Dona Iraci relata que depois dessa receita da Pastoral da Saúde, nunca mais usou benzetacil e amoxicilina pra tratar os filhos.

7. GENGIBRE	<i>Zingiber Officinale</i>	Enjoo, gripe (ele aquece, melhora a garganta)
8. HORTELÃ	<i>Mentha arvensis</i> <i>Mentha spicata</i> <i>Mentha x piperita</i> <i>Mentha x villosa</i>	Oxíuros (verme que dá coceira anal), digestivo, além do chá, pode-se mastigar as folhas.
9. CAPIM LIMÃO	<i>Cymbopogon citratus</i>	Calmante, baixa a febre, além de ser gostoso.
10. LIMÃO	<i>Citrus limon</i> <i>Citrus limonia</i> <i>Citrus aurantifolia</i>	Gastrite (tomar com água morna), deixa o sangue alcalino, ajuda na digestão, uma infinidade.

Fonte: elaborado pela autora a partir de conversa por *whatsapp*, 2024.

Figura 7 - A cúrcuma em vários pontos da morada de Iraci.



Fonte: Matheus Pinheiro, Dani Rezende e a autora, 2024.

Segundo Mãe Bettina, “qualquer matinho que nasce no quintal, ele tem um poder fitoenergético”. Para ela, elencar “10 plantas seria uma covardia, porque nós temos milhões, tudo que a gente tem, absolutamente tudo tem um poder mágico ali, de cura, mas eu citaria, vamos ver”:

Quadro 3 – Plantas essenciais para Bettina

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS
---------------------	------------------------	-------------

1. CALÊNDULA	<i>Calendula officinalis</i>	Anti-inflamatório para pele, gengivas
2. CAMOMILA	<i>Matricaria Chamomilla</i>	Calmante, tranquilizante
3. ERVA BALEEIRA	<i>Cordia verbenacea</i>	Anti-inflamatório pras articulações, poderosíssimo anti-inflamatório pra tudo.
4. CÚRCUMA	<i>Curcuma longa</i>	Anti-inflamatório, depurador do sangue, a cúrcuma é uma farmácia
5. GENGIBRE	<i>Zingiber officinale</i>	Para os pulmões, também antiinflamatório, anti gripal
6. ALHO	<i>Allium sativum</i>	Para imunidade em todos os sentidos
7. MALVA	<i>Malva sylvestris</i>	Ouvido, nariz e garganta, vias respiratórias
8. EUCALIPTO	várias espécies	Pulmões
9. MENTA	<i>Mentha arvensis</i> <i>Mentha spicata</i> <i>Mentha x piperita</i> <i>Mentha x villosa</i>	Pulmões, vias respiratória
10. PICÃO PRETO	<i>Bidens pilosa</i>	Dor e febre, além de purificar o fígado e os rins.

Fonte: elaborado pela autora a partir de entrevista gravada, 2024.

Bettina listou rapidamente as plantas: “que você deveria ter no teu armário para cuidar de qualquer coisa, a farmácia que você precisa para socorrer, o armarinho que a gente deveria ter em casa, deveria ter um pouquinho de todas essas ervinhas ali” (Bettina, entrevista em 02/05/2024).

Interessante notar que nenhuma planta é unanimidade, ou seja, nenhuma figura nas três listas, no entanto várias figuram em duas das listas, assim temos: 1) a cúrcuma, o gengibre, calêndula e a menta/hortelã em comum entre Bettina e Iraci; 2) o eucalipto e a lavanda entre Bettina e Denise; 3) A espinheira santa e a babosa entre

Iraci e Denise. A origem das plantas é diversa, e, no caso da Denise, houve uma preocupação em citar plantas nativas, mas elas também aparecem nas listas de Iraci e Bettina e algumas são espontâneas como o picão preto e a tanchagem.

Por certo, essa é uma mostra muito pequena do repertório das entrevistadas, “uma covardia” fazê-las elencar apenas dez, como afirmou Bettina. Além da entrevista e da observação participante na TECO, pude acompanhar uma palestra dela nos Encontros Medicinais, em 18 de setembro de 2023. Foram citadas muitas ervas de valor fitoterápico, e a lalorixá, que é conhecida como a “Velha Bruxa” e é herborista, valoriza também o uso fitoterápico. Ela provocou questionamentos como: porque tomar um rivotril e não uma colônia? Segundo Bettina, 80% dos males podem ser tratados com ervas, mas o corpo físico é o último a sentir a doença, “quando o mental e o espiritual já estão contaminados”. Aqui fica difícil separar a fitoterapia e a fitoenergética. Para mãe Bettina, assim como para muitos povos originários, corpo e espírito não são separados. Ela contou também que a tanchagem pode ser usada para depressão, logo depois de mencionar aquela já citada questão das plantas nascerem onde são necessárias. Foi neste encontro que aprendi a frase que dá título a este trabalho. Mais adiante abordo essa questão, o uso energético das plantas, de fundamental importância quando estudamos os ensinamentos de Mãe Bettina.

Figura 8 - Encontros Medicinais com a participação de Bettina



Fonte: landé, 2023.

Nesse encontro, Mãe Bettina falou sobre muitas plantas, algumas que pude anotar foram: arruda, guarapuvu, alho, comigo ninguém pode, raiz forte, guanxuma, eucalipto, canela, cravo, boldo, louro, alecrim, colônia, camomila, tanchagem, lavanda, calêndula, manjeriço, sálvia, menta, artemísia, dente de leão, mentruz, melancia, erva botão, abacateiro, pitangueira, mil em ramos, malva, goiabeira, pinus, amora branca, arnica, manga, sete sangrias e erva de bicho. Como veremos adiante, ela traz muito a questão do uso energético das plantas e poderemos ver algumas formas de uso e classificação.

Já o repertório de Denise, tenho podido acompanhar bem mais de perto, pois toda semana nos reunimos, quase sem interrupções, desde setembro de 2023. Não vou citar aqui todas as plantas que vêm sendo estudadas nos Encontros Medicinais, mas gostaria de apresentar uma mandala, que foi construída pela Denise em um encontro, no dia 26 de setembro daquele ano, no qual tivemos poucas presenças em razão da chuva e estudamos as plantas para tosse. Depois colocamos esse conhecimento em prática de plantio no dia 24 de outubro, no Instituto Flor Raiz. Foram plantadas artemísia, peixinho da horta, manjeriço, mil em ramos, viola odorata, cavalinha, cardo santo, linhaça, tanchagem, entre outras. Na figura 9, vemos a Denise junto da Pariparoba, e a Malu, sentada de cócoras, junto à babosa.

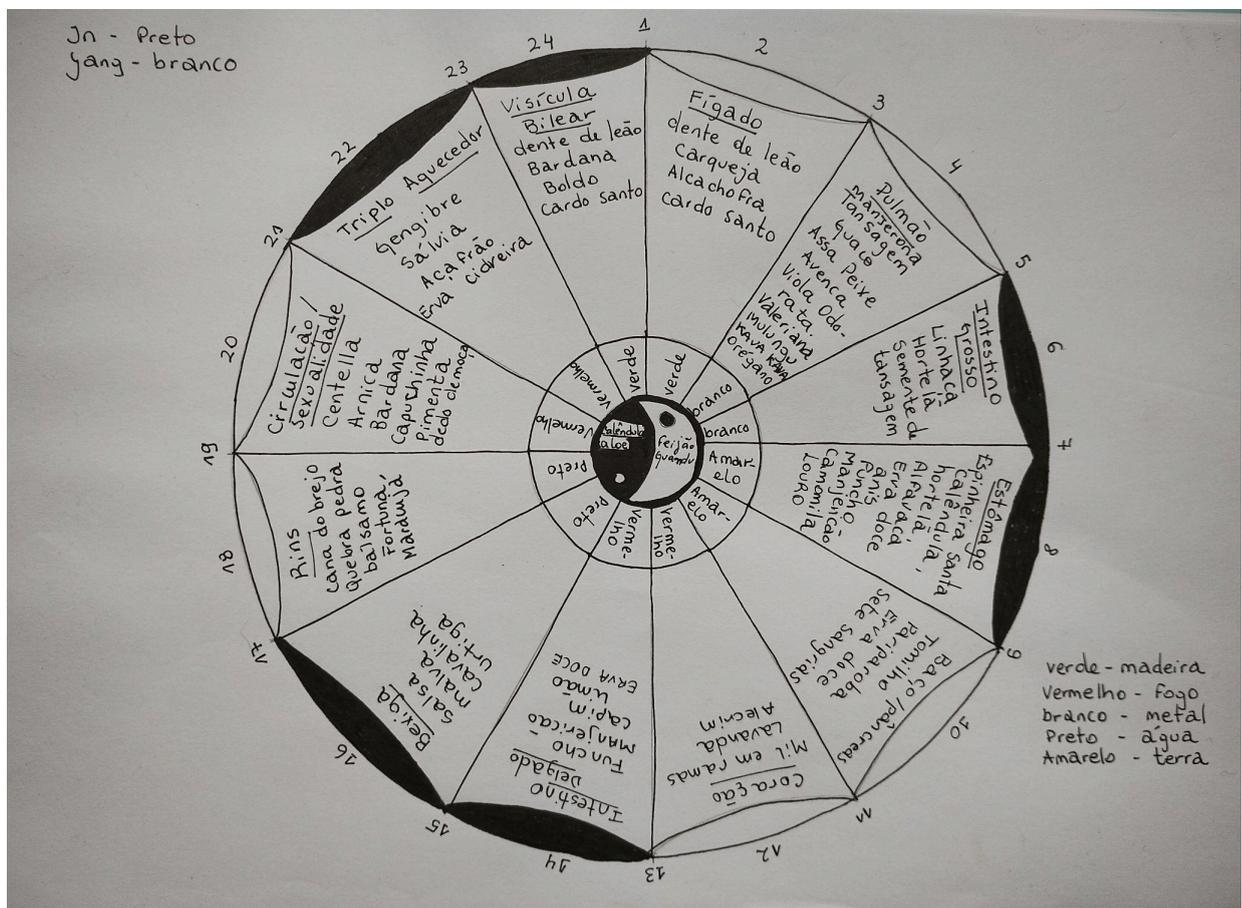
Figura 9 - Mutirão de Plantio no Flor Raiz



Fonte: Dani Rezende, 2023.

No mês de maio de 2024, temos estudado as questões de saúde mental, pedi para a terapeuta⁴⁴ que acrescentasse algumas plantas para essas questões na mandala do Relógio do Corpo Humano que havíamos construído em 2023.⁴⁵ Um dos principais estudos de Denise é a Medicina Tradicional Chinesa⁴⁶, que, segundo ela, assenta-se em três pilares fundamentais, a atividade física, a alimentação e o meio em que vivemos. A partir do desenho original, feito no “quadro” do landé por Denise e dessas informações, compus o seguinte desenho:

Figura 10 - Relógio do corpo humano com base na Medicina Tradicional Chinesa



Fonte: plantas sugeridas por Denise Rodrigues, desenho elaborado pela autora, 2024.

⁴⁴ Poderia também usar o termo curadora. Certa feita ela me contou que já foi referida como a curandeira do morro, mas acredito que o termo terapeuta condiz mais com as formas como se apresenta.

⁴⁵ Na figura 10, também foram incluídas ervas condimentares, já que pretendemos construir uma mandala destas próxima à cozinha da escola em que trabalho. O feijão guandu no centro foi sugestão de Valdemir José da Rocha, que trabalha na manutenção da escola. A sugestão foi acatada por Denise. Tínhamos marcado o mutirão para o dia 05/07/2024, mas questões de saúde impediram que ele acontecesse. Faremos depois do retorno das aulas, em agosto.

⁴⁶ Sobre o uso de plantas na Medicina Chinesa ver: JUNQUEIRA (2015).

Sobre o repertório da dona Iraci, tivemos a oportunidade de observar em visita à sua casa que ela tem uma verdadeira coleção de plantas as mais diversas, mas com ênfase especial para as medicinais. No apêndice “A” temos uma lista das plantas que nos foi possível anotar durante a visita, embora muitas outras tenham sido citadas e não anotadas. Iraci mencionou o desejo de ainda ter uma lista das plantas e de onde vieram as mudas. Foi a primeira vez que pude ver uma muda do *Hipericum perforatum*, a famosa erva de São João, muito usada como antidepressivo e que me ajudou muito em vários momentos da vida. Até bem recentemente eu sempre tinha em casa um vidrinho com essa planta seca, para possíveis emergências. Felizmente estou aprendendo a lidar com sintomas de depressão a partir da terapia com uma psicóloga dialógica, da Yoga, dos Florais e da assistência na TECO. Estou aprendendo autocuidado, e sei bem que não posso fazer uso exagerado dos fitoterápicos, porque tem várias questões químicas que não domino envolvidas.

Figura 11 - Horta de Iraci



Fonte: a autora, 2024.

5.2 - PARA ALÉM DO FITOTERÁPICO, OUTRAS FORMAS DE CURA

Para finalizar este trabalho, gostaria de propor uma ampliação da reflexão sobre as práticas de saúde e cura, a fim de percebermos a saúde de uma forma integral, composta não apenas pelos seres do mundo físico que atuam na manutenção da nossa saúde.⁴⁷ Como afirma Ailton Krenak:

[...] aqueles que têm memória, que conseguiram de alguma maneira trazer consigo as referências de seus ancestrais e que vivem uma experiência permanente de troca com outros seres não-humanos, se firmam na confiança de que os Encantados tem a potência de mediar essa relação de mundos e nos potencializar para a experiência do cuidado ou da cura como uma capacidade intrínseca de cada pessoa. (Krenak, 2023, p. 35).

Com esta passagem, lembrei de uma das falas da Denise no curso de florais que fiz em 2022, que a ideia de Bach era a de que cada pessoa deveria curar a si mesma. Os florais são um exemplo de terapia altamente eficaz (afirmo a partir do uso) e que não tem uma comprovação no campo da Ciência hegemônica. Sua ação é sutil, pois as flores, assim como na homeopatia, são diluídas muitas vezes.

Neste ponto, quero tomar a liberdade de compartilhar um desenho (figura 12) que fiz, durante uma dessas aulas no ano de 2022.⁴⁸ Quando fiz o desenho, eu nunca tinha sequer ouvido falar da antropologia multiespécies, só depois de ler os textos da Donna Haraway, eu percebi com mais profundidade meu desenho. Eu já tinha chamado ele de 'mulher-planta' e já o tinha percebido como representando minha imersão no mundo das plantas, mas olhando melhor, percebi que o rosto parece de cachorra, e as mãos, ferramentas de jardinagem. Percebo o desenho como minha

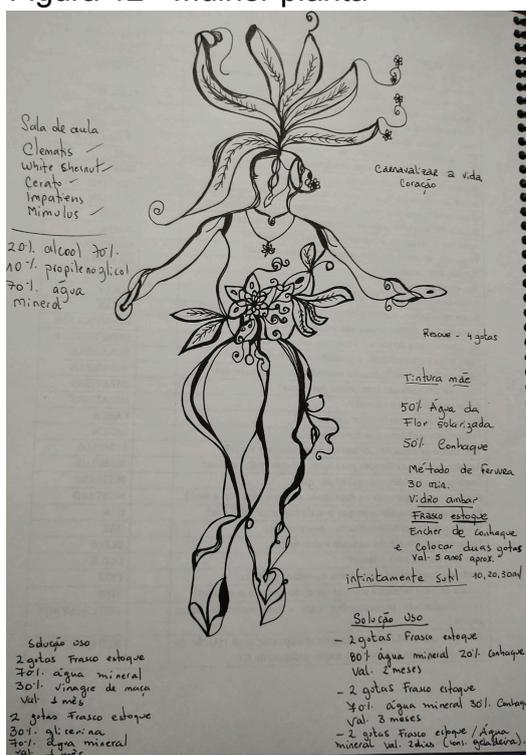
⁴⁷ É interessante a passagem em que Holmgren (2013, p. 54) fala sobre a questão espiritual na permacultura, embora se afirme ateu e materialista holístico, ele percebe a importância da espiritualidade para construção de uma nova ciência e embora continue assentando a definição dos princípios éticos em bases "humanistas e racionais" afirma que: "por meio do projeto da permacultura, minha vida vai pouco a pouco sendo levada para algum tipo de perspectiva e consciência espiritual que ainda não está clara". Acho importante destacar que não concordo com o diagrama apresentado por Holmgren (2013) na página 55, em que chama de "religiões tribais" as espiritualidades dos povos originários e das religiões de matriz africana espalhadas pelo mundo, o que demonstra certo etnocentrismo por parte do autor.

⁴⁸ Foram oito aulas entre agosto e outubro de 2022. O curso era pago, mas me foi possibilitada uma troca, por ajudar alguns dias na cozinha do landé. Fui poucas vezes, e agora quando concluir a especialização, vou ir mais, sempre aprendo muito.

forma de expressar a integração que sinto aqui na minha casa, com minhas plantas e minha cachorra Lila.

Buscar o contato com a Natureza, foi uma forma de cura para a saúde mental, que andava abalada pela vida na cidade grande. Hoje, não consigo me imaginar vivendo em um apartamento, e há muitos anos não preciso mais recorrer a antidepressivos alopáticos. Mas isso só aconteceu porque consegui, de certa forma, reencantar o meu mundo, buscando a Yoga, a terapia floral, a constelação familiar⁴⁹ e, mais recentemente, a espiritualidade na Umbanda. Por mais que a Yoga tenha também uma abordagem religiosa⁵⁰, decidi que o caminho para mim, neste aspecto, era a Umbanda. Continuo fazendo Yoga e a fé ainda não é algo consolidado pra mim, mas senti que a espiritualidade era algo importante, que fazia falta na minha vida.

Figura 12 - Mulher planta



Fonte: desenho da autora, 2022.

⁴⁹ Não cabe aqui uma discussão mais aprofundada sobre essa temática, mas nas mídias têm aparecido muitas crítica às constelações como se colocassem as vítimas como culpadas, não é o que experimentei com a Isabel Nascimento no landé, mas acredito que, como todas as terapias, devam existir pessoas com muitas visões de mundo diferentes.

⁵⁰ Ver os Yoga Sutras. Durante a pandemia tivemos um grupo de estudos online, orientado por Mônica Auga dos Yoga Sutras, foi a partir destes estudos que decidi voltar a frequentar a Umbanda. Eu frequentava a Quimbanda, ou Umbanda de Linha Cruzada, em Pelotas quando adolescente e foi minha última religião. Depois entrei pra faculdade de História e, muito influenciada pelo Materialismo Histórico, deixei de ter qualquer fé.

Quando perguntei para Denise sobre religião e espiritualidade, ela respondeu que é mais teórica e olha mais para a química das plantas, que não tem uma religião, mas:

Acredito muito em algo superior, acredito muito nessa energia da Natureza, na força da Natureza, e eu vejo que as plantas medicinais, as plantas em geral, na realidade acho que o Reino Vegetal, ele tem uma energia, que ele age de uma maneira muito específica. E ele atua tanto a nível físico, os vegetais atuam a nível físico, mas muito também a nível mental e emocional. *E quanto mais a gente respeita e mais a gente se conecta com o Reino Vegetal, mais informações ele traz.* Eu percebo que quando eu estou bem conectada e bem aberta, as mensagens que o Reino Vegetal traz, eu só tenho respostas muito assertivas. E eu vejo que essa energia mágica das plantas, os xamãs, os pajés, muitas religiões utilizam, mesmo assim nas [religiões] mais tradicionais, tipo a Igreja Católica, ela usa a mirra, usa o incenso, a questão da defumação mesmo, para limpar o ambiente, para trazer essa magia que a planta tem de deixar o ambiente mais leve (Denise, conversa por *whatsapp* em 19/05/2024).

Essa espiritualidade que a Denise traz, de se conectar com a força da Natureza, foi algo que me ajudou a sair de uma grave crise de saúde mental. Embora não tenha religião, às vezes a Denise também está na assistência da TECO. De minha parte, sinto que ainda estou no caminho de buscar a fé, mas percebo cada vez mais a importância da espiritualidade para o *agir no mundo*, para uma saúde equilibrada. Para muitas pessoas isso pode não ser fundamental, mas para algumas é, e deve ser respeitado.

Figura 13 - Caldeirão da bruxa



Fonte: landé, 2024.

Na figura 13, vemos a Integração das pessoas no encerramento dos “Encontros Medicinais” do ano de 2023. Segundo Denise, o movimento imita o “Caldeirão da Bruxa”. Nos últimos encontros uma das questões trazidas pelos participantes foi de quanto os encontros em si, são curativos para as questões de saúde mental.

Bettina, lalorixá da TECO, teve seu primeiro contato com a Umbanda por uma questão de saúde, entre o final da infância e o começo da adolescência, quando morava na cidade de Artigas. Ela teve um adormecimento no lado direito do corpo, o adormecimento era tal que não sentia agulhas ou calor. Depois de passar por vários exames médicos e ser internada na capital, os pais buscaram uma benzedeira em um centro de Umbanda. A benzedeira recebeu uma Preta Velha e depois de benzer o pijama que deveria ser usado por alguns dias, Bettina obteve a cura.

O caminho que levou a lalorixá até a fundação TECO foi longo e começou quando migrou para o Sul da Ilha de Santa Catarina na década de 1980. Bettina começou como Ogã (tocadora de tambor) em um terreiro de um conterrâneo uruguaio no bairro Pântano do Sul. Depois passou pelo Budismo e entrou em outro terreiro. Aos poucos seus guias a foram direcionando para o segmento de “Almas e Folhas”: “Uma das Umbandas mais velhas que existe, que trabalha com a força das ervas, a força das pedras” (Bettina, entrevista em 02/05/2024). Restava apenas um remanescente desta no Ribeirão da Ilha, Pai Denis de Oxum, porém, quando ele faleceu, as filhas da casa mudaram o ritual.

Já mencionamos nesse trabalho a orientação espiritual que Mãe Bettina recebe quando à utilização das plantas, já falamos também do ritual do *Amaci*, onde são preparados os banhos e defumações da TECO para o ano inteiro. Quando perguntei à Bettina se as dez ervas que ela citou poderiam ser também usadas para banhos, ela respondeu que sim, e que “todas as ervas podem ser usadas para banhos e para defumações”. Mesmo plantas que consideramos tóxicas ou apenas ornamentais, tem um poder fitoenergético.

Quadro 4 – Plantas essenciais para Bettina e Orixás correspondentes

NOME POPULAR	ORIXÁ	CLASSIFICAÇÃO
1. CALÊNDULA	Oxalá	FRIA

2. CAMOMILA	Oxum	FRIA
3. ERVA BALEEIRA	Nanã e Obaluaê	MORNA
4. CÚRCUMA	Nanã e Exu	QUENTE
5. GENGIBRE	Nanã e Exu	QUENTE
6. ALHO	Exu	QUENTE
7. MALVA	Oxum e Nanã	MORNA
8. EUCALIPTO	Xangô, Iansã e Ogum	QUENTE
9. MENTA	Iemanjá	FRIA
10. PICÃO PRETO	Exu	FRIA

Fonte: elaborado pela autora a partir de conversa pelo *whatsapp*, 2024.

As ervas para banhos e defumações são classificadas em quentes, mornas e frias. As quentes, algumas vezes são as que não podemos consumir e são chamadas de tóxicas, mas, segundo Bettina, elas não são tóxicas em si, são fortes e apenas nosso corpo não está preparado para recebê-las:

Quando você entende o potencial energético das ervas, você começa a ver as coisas desde outro ângulo, que é isso que eu tento fazer sempre nos cursos que eu dou, que possam entender as ervas como fitoterápicos, mas que possa entender também a erva como energética e mágica, porque não é somente o potencial fitoterápico da erva que faz efeito. É por isso que, se você toma um banho com uma erva, se sente muito melhor. *Você não está comendo a erva, você está recebendo a erva, aquele banho, no teu corpo energético.* E porque você se sente bem? Porque nós somos energia pura. E isso muitas vezes a gente choca com quem trabalha com as ervas só com o fitoterápico. Então é o caso do boldo, é o caso da Guiné, por exemplo. [...]

Existem muitas nomenclaturas que proíbem o uso interno da Guiné e o uso interno do Boldo, assim como proíbem o uso interno da Babosa, por exemplo. O que eu sempre falo é que quando a gente trabalha com a Natureza a gente precisa entender a Natureza energeticamente, porque talvez o Boldo... Porque tem tanta gente que toma o boldo e não acontece, nada? Porque ela enxerga o boldo desde outro ponto. E uma, a dosagem que você vai tomar, de que maneira você vai tomar, e a intenção com a qual você vai tomar, faz toda a diferença. Mas quem trabalha só o fitoterápico, não observa a intenção, e *a intenção faz toda a diferença.* Então você pode tomar um chá de boldinho, sem te fazer absolutamente nada. Você pode tomar um chá de Guiné, que não vai te fazer absolutamente nada, se você tomar com o cuidado fitoenergético, com a intenção bem clara e bem definida, e sem abusar das coisas da Natureza. Se você sabe, entende que são ervas extremamente quentes. O que é uma erva quente? É uma erva que

tem um potencial energético muito grande que o nosso corpo físico não consegue suportar, por isso que nós humanos chamamos ela de tóxica. *Tóxicos somos nós, não é a erva*. Então, quando a gente entende isso, quando você tem um boldinho na mão, e você sabe que é uma erva muito muito quente, mas você confia nela, em vez de você fazer um chá com uma colher de sobremesa, você vai fazer um chá com uma folhinha, ele vai te fazer o mesmo efeito e ele não vai te fazer mal. Então há uma controvérsia bastante grande nesse sentido (Bettina, entrevista realizada em 02/05/2024).

São quatro as plantas conhecidas popularmente como boldo, e têm usos diferentes. Os boldos usados para os banhos e que são conhecidos como plantas de Oxalá, são o *Plectranthus barbatus*, ou boldo da folha grande e o *Plectranthus ornatus*, boldinho ou tapete de Oxalá. Segundo Denise, o boldo da folha grande deve ser consumido macerado em água fria, e o boldinho deve ser evitado. Mas, como lemos na fala de Bettina, há diferentes nomenclaturas, usos populares, e percepções diversas sobre os usos. As outras plantas conhecidas como boldo são o alumã, ou boldo de pinguço que é uma árvore brasileira, a *Vernonia condensata*, já o famoso boldo chileno, é também uma árvore, nativa do Chile, que não é cultivada no Brasil de nome científico *Pneumos boldus*.

Segundo Mãe Bettina, em sua participação nos “Encontros Medicinais” ao preparar os banhos de ervas, devemos buscar sempre um equilíbrio, colocando 1 erva quente, 1 morna e 1 fria. Nesses preparos é muito importante a intenção, que inclui o pensamento, a emoção e a ação. Aconselha-se tomar um banho por semana.

Bettina também atua como terapeuta holística em “o som da chuva”⁵¹, onde traz terapias com ervas, incluindo um “alinhamento dos chakras” com “charutos” de ervas. Esses charutos são produzidos por ela e lembram a terapia da mocha, com o aquecimento da área a ser tratada. Cada um dos chakras é tratado com uma erva, a saber: 1) Básico, dente de leão; 2) Sacral, calêndula; 3) Plexo solar, alfazema; 4) Cardíaco, sálvia; 5) Laríngeo, camomila; 6) Frontal, menta; 7) Coronário, artemísia. Neste caso, do alimento dos chakras, é importante frisar, no entanto, que não faz parte do ritual da TECO, mas diz respeito à prática da lalorixá como terapeuta. Ainda assim, cabe trazer o debate sobre a influência de interpretações das medicinas orientais na Umbanda e sobre os cruzamentos com o que se convencionou chamar

⁵¹ “O som da chuva” é canal de atendimento terapêutico de Mãe Bettina, é onde disponibiliza para venda banhos de ervas, defumações, pomadas (inclusive a de calêndula) e faz atendimentos particulares.

de Nova Era. Para Amurabi Oliveira (2016, p. 103 3 104), a plasticidade da Umbanda e da Nova Era permitem essas conexões, resultando no que o autor chamou Umbanda Esotérica, uma *New Age Popular*. Em seu trabalho sobre a influência das “terapias alternativas” na Umbanda em Florianópolis, ele observa que “os sujeitos da pesquisa em ambos os centros não se pensam e nem se colocam nesses termos”, mas “as práticas desenvolvidas são percebidas como complementares e não concorrenciais entre aquelas que as acionam”, Oliveira (2016, p. 104).

Depois de considerar a importância da espiritualidade/energia/religiosidade como uma dimensão importante para saúde e cura e resolver por trazer neste trabalho também este assunto, perguntei para Iraci como ela se sentia em relação a estas questões. Ela contou que já nos cursos da Pastoral da Saúde, essa questão energética era mencionada, por exemplo, no que toca à chamada impostação das mãos sobre pessoas enfermas e ervas a serem manipuladas. Aqui em Florianópolis, ficou dez anos frequentando um Centro Espírita, mas neste local as plantas não eram utilizadas. Até hoje ela utiliza esses aprendizados da Pastoral da Saúde:

Por exemplo, quando eu vou fazer um xarope, ou um chá para gripe, como eu fiz essa semana para o meu neto, naquele momento que eu tô manipulando a planta, que eu vou lá colher e que eu vou pôr no fogão à lenha para ferver, tudo eu procuro manter ligação com o divino, o mestre de cura. Para mim, na minha cabeça, o mestre de cura é Jesus Cristo. Teve um tempo que eu dizia assim, quando eu trabalhava lá no Rio Vermelho ou em Videira com os acamados eu dizia assim: -meu amigo Jesus, usa minhas mãos para ajudar a curar esse paciente, eu sempre tinha esse pensamento. (Iraci, conversa por *whatsapp* em 18/05/2024).

Dona Iraci considera que a religiosidade e os aprendizados estão ligados à proximidade do divino, do qual se sente intensamente conectada neste momento, em que vive na zona rural e cuida de sua terra:

Aqui onde eu estou hoje, que eu me afastei de tudo, de Igreja Católica, de Centro Espírita, aqui eu posso dizer assim que eu não pratico nenhuma religião, mas o tempo em que eu mais tenho comunhão com Deus é aqui, mais do que quando eu frequentava religiões, aqui eu me centrei mais, aqui eu me encontrei, aqui eu sinto uma ligação com o Divino. Às vezes eu olho pra uma planta, mesmo de longe eu sei que ela tá passando sede, eu sei que aquele lugar não tá bom pra ela, aí *eu tenho uma comunhão com as plantas*. Mas esse tipo de abertura eu só consegui aqui, depois que vim morar aqui e

comecei a cuidar da minha horta, do meu jardim e do meu pomar (Iraci, conversa por *whatsapp* em 18/05/2024).

Por fim, de diferentes formas, a espiritualidade está presente na vida das entrevistadas, mesmo que nos casos da Denise e da Iraci essa questão não seja central, ela também tem o seu lugar. No caso da Bettina fica bem óbvia essa centralidade e importância, afinal, ele é uma Mãe de Santo e está a frente de um Terreiro bem ativo na luta pela liberdade religiosa em Santa Catarina. Infelizmente, as religiões de matriz afro ainda são vítimas de muito preconceito, em razão do racismo que ainda vigora fortemente em nossa sociedade. Ano passado pude participar, aqui no Rio Vermelho, da 12ª caminhada em prol da tolerância religiosa e visibilidade do nosso sagrado, que aconteceu no dia 15 de novembro, Dia Nacional da Umbanda. Abaixo, vemos a finalização da caminhada, em frente à Igreja Católica do bairro Rio Vermelho.

Figura 14 - Caminhada em prol da tolerância religiosa



Fonte: a autora, 2023.

O ato contou com a presença de dois outros centros de Umbanda e de representantes da Igreja Católica. Um pouco antes da defesa deste TCC, outro ato aconteceu, desta vez no centro de Florianópolis com a participação de várias entidades, foi a 4ª Caminhada contra a Intolerância Religiosa. Esses movimentos são necessários em consequência dos atos de preconceitos e violências de que os centros de Umbanda são alvo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de saúde e cura, exercidas por distintos coletivos e pessoas, são resistências à biomedicina - que se instituiu como hegemônica com o colonialismo eurocêntrico. A fitoterapia, fitoenergética, benzimentos, tratamento com florais ou homeopatia, permanecem presentes no bairro Rio Vermelho, em Florianópolis. Ainda que o desencantamento⁵² produzido pela ciência moderna tenha colocado as práticas de saúde de distintos povos no plano irracional, esses saberes continuaram fazendo parte das possibilidades de caminho de nós, humanas (como humus). O relacionamento com as plantas se mostrou essencial às vidas das entrevistadas e esse caminho se mostrou intuitivo ou indicado por guias espirituais.

Para mim, desenvolver este trabalho, e voltar à universidade depois de dez anos de afastamento⁵³ é um desafio e uma aventura. Nesses últimos anos fui mais militante, e talvez isso se reflita aqui nessa escrita. Desde uma perspectiva feminista, não há oposição entre a militância, o engajamento político e a prática científica. Esse retorno à pesquisa na universidade me trouxe um novo movimento de cuidado nas afirmações e reflexões.

O poema que escrevi em 2016, que está no apêndice B, cujo título original era “Descarte o Descartes”, foi modificado pois, desde o início eu não gostava muito do título. A escritora norte-americana Starhawk (2018) afirma que jamais imaginaria ter que marchar com o lema “a ciência é real”, e, de fato, nos últimos anos de negacionismo e teorias conspiratórias, não dá para simplesmente descartar o Descartes. Não cabe aqui explicar o poema, mas ele é resultado de uma série de estudos e leituras livres que fiz durante a prática docente no Ensino Fundamental. Eu gosto de estudar, mas gosto mais da liberdade do tempo livre, da não produção. Espero seguir nesses caminhos, uns trilhados outros na mata fechada, conhecendo pessoas que gostem de plantas. Vou continuar frequentando os Encontros Medicinais e a TECO, plantando no meu jardim, na escola, e dando aulas de História. Tenho esperança de olhar para este texto no futuro e ver que as pessoas melhoraram sua

⁵² O conceito de ‘desencantamento’ do mundo é um conceito weberiano. Trago esse conceito a partir das noções de desencantamento/reencantamento propostas por Andrade (2024).

⁵³ Com exceção de uma disciplina de História indígena que frequentei como ouvinte na UDESC em 2016. Essa disciplina foi ministrada pela professora Luisa Tombini Wittmann, foi a primeira edição de uma disciplina de História Indígena no curso de História da UDESC.

relação com as plantas, reconheceram sua fundamental importância para a vida na Terra.

Esta ideia de questionar um certo tipo de Ciência também aparece na abertura de “Jardins da História: Medicinas Indígenas” de Renata Sigolo (2022, p.15), no qual a autora, tendo como referência Marcos Queiroz (2004) afirma que “a biomedicina, por exemplo, nasceu colada a um modo de estar no mundo e agir nele que é o capitalismo”. Muitas vezes, a biomedicina preocupa-se em curar um mal específico, não olhando para as causas das doenças, para o meio e forma como vivem as pessoas a serem tratadas. Essa visão da saúde como uma questão ampla, envolvendo as condições de moradia, acesso alimentos sem agrotóxicos, atividade física, lazer aparece muito nas falas das entrevistadas, assim como aparece em outros grupos de estudos aqui de Florianópolis, como o Quinta das Plantas, o Horto Medicinal da UFSC e as pastorais da saúde (Siqueira, 2016). Aparece também entre as benzedeadas e os setores de saúde do MST (Gaia, 2005; Andrade, 2024). É possível que esse entendimento esteja chegando aos órgãos do Estado, a partir do conceito de Saúde Única (Silva, 2023).

Assim como as entrevistadas, sou um pouco descrente quanto aos rumos da humanidade, mas não perco a esperança nas pequenas transformações. Como disse a Denise quando perguntei sobre o papel que ocupariam a Agroecologia e a Permacultura na transformação do mundo, elas podem não revolucionar o mundo como um todo, mas transformam as experiências das pessoas, nos conectam à um sentido mais profundo da vida, à uma ligação com o todo, como afirma Ailton Krenak (2022): “o futuro é ancestral”, ou não será. Nesse ponto trago total concordância com Bettina, o homem⁵⁴ não conseguirá inventar um chip para restabelecer a natureza.

Ao longo do trabalho foi possível observar que, mesmo não praticando a Permacultura como área do conhecimento, as três éticas principais desta ciência estão presentes em suas intenções, emoções, pensamentos, saberes e ações. O cuidado da terra de Mãe Bettina está nas ações da TECO com os plantios e ações em torno do Terreiro, o cuidado da rua, nas bombas de sementes. Em dona Iraci, na profunda dedicação que dispõe ao seu jardim, pomar e horta. Denise, além de manter

⁵⁴ Acho interessante a forma como minha tia Cléia, cozinheira de escola aposentada, que mora em São Lourenço do Sul se refere à responsabilidade pela Emergência Climática, para ela essa questão é culpa do homem com “h”.

um sítio com vegetação regenerada, tem seus plantios em casa e ajuda a cuidar do espaço do landé. Todas elas dedicam suas vidas aos cuidados com as pessoas e os outros seres, e também se propõem a refletir sobre e a praticar uma partilha justa.

Para terminar, eu gostaria de fazer uma provocação: são comuns na Agroecologia as frases “Com racismo não há agroecologia”, “Não há agroecologia sem feminismo”. Será que o mesmo pode-se dizer em relação à Permacultura? Esse questionamento surgiu durante nossos debates no curso de Especialização e também na aula da professora Francisca Fanka Pereira dos Santos no dia 08 de março de 2024, intitulada “O Ensino da Permacultura na Era do Antropoceno”. Desta aula, pude assistir somente a gravação, pois estava no centro de Florianópolis, participando das atividades do 8M. Mas ouvindo a professora surgiram questões que me parecem muito necessárias de serem discutidas na Permacultura. Estes anos de estudo me permitiram tomar contato com muitos debates que não apareceram nesta monografia, mas ficam como sementes para futuras leituras e debates. Com relação às questões de classe social, me parece que estão bem definidas pelos teóricos da Permacultura, mas cabe perguntar, como essas relações acontecem na prática? É possível a Permacultura onde exista a exploração do trabalho? São questões que acho relevantes e não poderei responder aqui, mas espero que as pesquisas continuem e que estes temas não sejam esquecidos. Que o campo siga florescendo.

Há muito por viver e agir no mundo, assim espero, para mim, para minhas interlocutoras e para quem me lê. Nesse fim de semana frio e chuvoso em que termino a escrita desta monografia lembrei do trecho de um poema que escrevi quando morara em Porto Alegre: “nos trilhos dos rastilhos vêm as memórias...”, era sobre quando eu estava tentando fazer daquela cidade grande a minha casa, e percorria as praças em busca de vida, árvores e aves. Neste sábado, 06 de julho de 2024, pude percorrer os trilhos dos rastilhos do meu pátio, e essa alegria de poder plantar árvores e saber que elas vão permanecer, para mim é saúde. Estar na terra e interagir com a terra e os seres que nela habitam é bem viver. Há muito que não foi dito aqui, mas que para mim ficou como aprendizado. Talvez uma nova ciência, que considere a importância do compor (com), como quer Donna Haraway (2023) seja um alento nesses tempos tão complicados, de ruínas do capitalismo como bem colocou Anna Tsing (2022). Uma ciência que nos ajude a reexistir apesar do capitalismo, a sobre (Viver) à Emergência Climática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriane. *Geo-grafias da saúde popular comunitária: mulheres, saberes e práticas cotidianas de cura, uma experiência desde o movimento de benzedadeiras do Paraná e do setor de saúde do MST Paraná*. Curitiba: UFPR, Tese de Doutorado em Geografia, 2024.

BARRETO, Alexandre Franca, et. al. (orgs). *Saberes ancestrais e cura integrativa: diálogos decoloniais*. Recife: ObservaPICs, 2023

CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana (Org.). *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Editora UBU, 2020.

CEPAGRO. "Revolução dos Baldinhos". A tecnologia social da gestão comunitária de resíduos orgânicos e agricultura urbana, Cepagro (sem data), disponível em: <https://cepagro.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Cartilha-Tecnologia-Social.pdf>. Acesso em 07/07/2024.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas. Uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Civilização e Barbárie, 2018.

COUTO, Iana Carla. *A Permacultura inserida no debate das Políticas Públicas*. Florianópolis: UFSC, Teses de Doutorado na Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, 2021.

DIAS, Suzana Oliveira. Alianças vegetais: espécies companheiras de ensino diante do Antropoceno. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, e125011, 2023.

DUARTE, Camila. *Cê num vê, ma'ô tô movênu*. Bragança Paulista: Urutau, 2021.

FAUSTO, Juliana. Os desaparecidos do antropoceno. Rio de Janeiro, 09.2014, Disponível em : www.osmilnomesdegaia.eco.br. Acesso em 03/04/2024.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

FERNANDES, Geraldo Wilson [et. al]. *Alecrim*. Rio de Janeiro: Retina editora, 2022. Disponível na internet em: <https://heyzine.com/flip-book/e60fbef898.html#page/12> , consulta em 17 de maio de 2024.

FOUCAULT, Michel. Crisis de la medicina o crisis de la antimedicina. In: *La vida de los hombres infames*. La Plata: Caronte Ensayos, 1996.

GAIA, Marília Carla de Melo. *Saúde como prática da liberdade: as práticas de famílias em um acampamento do MST e o desenvolvimento de estratégias de*

educação popular em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. (Mestrado em Ciências da Saúde).

GALEANO, Eduardo. *Nosotros decimos no*. Crônicas 1963-1988. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

GOMES, Heloisa Helena Sucupira, et. all. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de Umbanda e Candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande PB. *BioFar. Revista de Biologia e Farmácia*. ISSN 1983-4209 - Volume 03 – Número 01 – 2008, p. 110-129.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

JOAQUIM, Lisiê Silva Dalsasso. *Permacultura e saúde: regenerar a terra e cultivar saúde na zona 5 com bombas de sementes de plantas medicinais nativas*. Florianópolis: UFSC, 2022. TCC da Especialização em Permacultura.

JUNQUEIRA, Luis Fernando Bernardi. Medicina na China Antiga e o uso de Plantas Medicinais. In: SIGOLO, Renata Palandri. (org.). *Plantas medicinais e os cuidados com a saúde. Contando várias histórias*. Florianópolis: NUPPe/UFSC, 2015, p. 54-73.

KEREXU, Juliana, JULIÃO, Cristiane. *Emergência Climática: Povos Indígenas chamam para a cura da Terra*. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2024.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil*. Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KIRKSEY, Eben S.; HELMREICH, Stephan. A emergência da etnografia multiespécies. *Revista de Antropologia da UFSCar*, 12(2), jul/dez 2020: 273-307.

KOPENAWA, Davi; BRUCE Albert. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Práticas indígenas de cuidado. In: BARRETO, Alexandre Franca, et. al. (orgs). *Saberes ancestrais e cura integrativa: diálogos decoloniais*. Recife: ObservaPICs, 2023, p.32-47.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LORENZI, Harri; MATOS, F. J. Abreu. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MAIZZA, Fabiana; CABRAL, Joana de Oliveira. Narrativas do cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com plantas. MANA 28(2): 1-33 2022 – <http://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a102>.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das Plantas*. Um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu, 2019.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. *Permacultura Um*. Uma agricultura permanente nas comunidades em geral. São Paulo: Editora Ground, 1981.

MORAIS, Carolina. Ervas e saúde: o tesouro ancestral lorubá. In: BARRETO, Alexandre Franca, et. al. (orgs). *Saberes ancestrais e cura integrativa: diálogos decoloniais*. Recife: ObservaPICs, 2023, p.262-269.

NUNES, Vanessa de Albuquerque. *Regenerando a humanidade e o Planeta através da jardinagem*. Florianópolis: TCC da Especialização em Permacultura, 2022.

OLIVEIRA, Amurabi. “É tudo energia” - A Nova Era e a Umbanda em diálogo. *Revista de Estudos da Religião*. REVER · Ano 16 · Nº 02 · Mai/Ago 2016.

OLIVEIRA, Joana Cabral de. Agricultura contra o Estado. In: OLIVEIRA, Et. Al. (orgs) *Vozes vegetais: diversidades, resistências e histórias da floresta*. p.66-84. São Paulo: Editora Ubu, 2021.

OLIVEIRA, Karen Silva Pacheco de. Vetiver (*Vetiveria zizanioides L.*): uma planta de interesse para a produção de cosméticos verdes. Rio de Janeiro: *Ciência atual*. Vol 19, no 2, ISSN 2317-1499, p. 16-35.

OLIVEIRA, Vanessa Staldoni. *Horta urbana como estratégia para o enfrentamento da insegurança alimentar*. O caso da Horta Comunitária do Muquém, Florianópolis/SC. Florianópolis: TCC da Especialização em Permacultura, 2022.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRIMAVESI, Ana Maria. *A convenção dos ventos. Agroecologia em contos*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf>, consulta em 22/05/2024.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Editora UBU, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. Comunicação Oral na Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Vidal Martins em junho de 2023.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SIGOLO, Renata Palandri. (org.). *Plantas medicinais e os cuidados com a saúde. Contando várias histórias*. Florianópolis: NUPPe/UFSC, 2015.

SIGOLO, Renata Palandri; STRAPPAZZON, Adriana Ines. *Jardins da História: Medicinas Indígenas*. Recife: Fiocruz, 2022.

SILVA, Breno Gonçalves da. *Saúde Única*. Curitiba: Fiocruz Paraná/Instituto Carlos Chagas, 2023.

SIQUEIRA, Gabriela Prado. *Pessoas, saberes e plantas medicinais: acompanhando iniciativas em Florianópolis*. Mestrado em Antropologia Social, 2016.

SOUZA, Érica Braga de. Caracterização físico-química da banana prata (*Musa sapientum*) comercializada em quatro cidades do Sertão da Paraíba. VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, 2012. Disponível na Internet em: <https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/915/2828>, consulta em 24/05/2024.

STARHAWK. Magia, visão e ação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, N. 69, p. 52-65, abr. 2018.

TSING, Anna. *O cogumelo do fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 edições, 2022.

WEDIG, Josiane Carine; RAMOS, João Daniel Dorneles. A colonialidade nas práticas de saúde e a resistência das Benzedeiras e Mães de Santo. *MEDIAÇÕES*, Londrina, v. 25, n. 2, p. 488-503, mai-ago. 2020.

WEDIG, Josiane Carine. Colonialidade, apropriação da terra e resistências de mulheres camponesas através da agroecologia. VIII ReACT - 22 a 26 de novembro de 2021 - Disponível em: www.react2021.faiufscar.com, consulta em 02/04/2024.

XUCURI-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima. *Cartas para o bem viver*. Salvador:

Boto-cor-de-rosa livros, arte e café/Paralelo13S, 2020.

Vídeos no YouTube:

Conversa na rede: amar, comer e ser comida. Ailton Krenak e Emanuele Coccia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Dd5aosNQPU> , consulta em 13/04/2024.

Aula magna com Sebastião Pinheiro. Solo, Território e Soberania Alimentar: https://www.youtube.com/watch?v=_rRW2ub5hY0&t=6464s, consulta em 24/05/2024.

Áudio da Audiência Pública sobre a poluição das águas do norte da Ilha, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNgZzh7R8DY>, consulta em 24/04/2024.

Sites consultados:

A curiosa origem da palavra “idiota”, que não tinha nada a ver com inteligência. Reportagem da BBC News Mundo em 17 de setembro de 2023, acesso em 30 de maio de 2024: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx7j1ev9vz3o>.

Reflora, flora e funga do Brasil:

<https://reflora.ibri.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do#CondicaoTaxonCP>, consulta em 27/05/2024.

<https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2020/02/25/panc-caruru/>, consulta em 04/05/2024.

<https://apremavi.org.br/cedro-um-nobre-da-mata-atlantica/>, consulta em 05/05/2024.

<https://www.ibflorestas.org.br/lista-de-especies-nativas/figo>, consulta em 18/05/2024.

https://www.cnpuv.embrapa.br/cadastro-viticola/rs-2005-2007/html/cult_bordo.html, consulta em 24/05/2024.

<https://www.todafruta.com.br/quivi-kiwi/> , consulta em 18 de maio de 2024.

https://jb.utad.pt/especie/Vaccinium_myrtillus , consulta em 24/04/2024.

https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt_BR, consulta em 26/05/2024.

<https://www.escoladebotanica.com.br/post/iris-da-praia>, consulta em 29/05/2024.

<https://come-se.blogspot.com/2009/08/orelha-de-padre-resposta-charada-do.html>, consulta em 29/05/2024.

<https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/plectranthus-barbatus-andrews>, consulta em 29/05/2024.

https://jb.utad.pt/especie/Plectranthus_ornatus, consulta em 29/05/2024.

<https://www.cfn.org.br/index.php/vagem-2/>, página do Conselho Federal de Nutricionistas, consulta em 29/05/2024.

<https://sul21.com.br/noticias/geral/2021/08/feira-ecologica-do-bom-fim-completa-30-a-nos-ofertando-alimento-organico-na-capital/>, acesso em 30/05/2023.

<https://www.peroladaterra.com/feira-do-bom-fim/>. Acesso em 30/05/2023.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng>. Acesso em 10/07/2024.

“Mulheres Araucária”, dirigido por Camila Mĩg Sá e Kassiane Schwingel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MLTok0Kb86M>. Acesso em 10/07/2024.

APÊNDICE A – ALGUMAS PLANTAS MAPEADAS NA CASA DA IRACI

Nome popular	Nome científico	Oriem
1. Curcuma	<i>Curcuma longa</i>	Índia
2. Tuna	<i>Cereus hildmannianus</i>	América do Sul
3. Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>	Sul do Brasil
4. Acerola	<i>Malpighia puniceifolia</i>	América
5. Caqui	<i>Diospyros Kaki</i>	Ásia
6. Cedro	<i>Cedrela Fissilis</i> Vell	Mata Atlântica
7. Carvalho	tem várias espécies, não identificada	Várias
8. Amornha	não identificada	Várias
9. Goiaba da Serra	<i>Acca sellowiana</i>	Sul do Brasil
10. Limão Galego	<i>Citrus Aurantifolia</i> C.	Ásia
11. Pera	espécie não identificada (Peras tem várias espécies)	Europa
12. Figo	<i>Ficus carica</i>	Oriente Médio
13. Guaçatonga (erva de bugre)	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	América do Sul
14. Guabiroba	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Mata Atlântica e Cerrado
15. Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> (variedades)	Mata Atlântica
17. Vetiver (Índia)	<i>Vetiveria Zizanioides</i>	Índia
18. Gengibre	<i>Zingiber Officinale</i>	Ásia
19. Uvas bordô, Isabel, Niágara Rosa (cultivares elaborados nos E.U.A).	<i>Vitis labrusca</i> ,	Europa (origem dos cultivos)
22. Uva niágara branca (idem).	<i>Vitis labrusca</i> , híbrida com <i>Vitis vinifera</i>	Idem.
24. Kiwi	<i>Actinidia deliciosa</i>	China

25. Erva baleeira	<i>Varronia curassavica</i>	América
26. Mirtilo	<i>Vaccinium myrtillus</i>	Várias
27. Fisális	Várias espécies, não identificada.	América do Sul
28. Pata de vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	Brasil
29. Mirra, falsa mirra, insendo	<i>Tetradenia riparia</i>	África
31. Babosa (América)	<i>Aloe arborensis</i>	América
32. Aloe vera (Ásia)	<i>Aloe barbadensis</i>	Ásia
33. Calêndula (mediterrâneo)	<i>Calendula Officinalis</i>	Mediterrâneo
34. Camomila	<i>Matricaria Chamomilla</i>	Europa
35. Capim limão brasileiro	<i>Elionurus muticus</i>	Sul do Brasil
36. Boldo graúdo	<i>Plectranthus barbatus</i>	África
37. Brinco de princesa	<i>Fuchsia hybrida</i>	América do Sul
38. Esponia	<i>Luffa aegyptiaca</i>	África e Ásia
39. Mulunau	Não especificada, várias espécies de <i>Erythrina</i> (<i>dominguezii</i> , <i>verna</i> , <i>poeppigiana</i> , <i>mulungu</i>) são semelhantes, conhecidas como mulungu e usadas com os mesmos fins.	Brasil
40. Tucaneira	<i>Citharexylum myrianthum</i>	Mata Atlântica
41. Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	América do Sul
42. Limão	duas espécies, não identificadas	Sudeste da Ásia
43. Chia	<i>Salvia hispanica</i>	América
44. Citronela	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Ásia
45. Onze horas	<i>Portulaca grandiflora</i>	América do Sul
46. Caraquatá	<i>Bromelia antiacantha</i>	Mata Atlântica
47. Dália	várias espécies	México
48. Cavalinha	<i>Equisetum giganteum</i>	Brasil

49. Peixinho da horta / Pulmonária	<i>Stachys byzantina</i>	Turquia, Ásia e Cáucaso.
50. Jazminzinho	Não identificada	-
51. Érica de arbusto	<i>Leptospermum scoparium</i>	Austrália, Nova Zelândia, Oceania
52. Banana prata	<i>Musa sapientum</i>	Sudeste da Ásia
53. Violeta de jardim	<i>Viola odorata</i>	Europa
54. Erva de São João	<i>Hipericum perforatum</i>	Europa
55. Capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	África
56. Alfavaca anisada	<i>Ocimum selloi</i>	Sul do Brasil
57. Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Europa
58. Lanterna japonesa	<i>Callianthe striata</i>	América do Sul
59. Mil em ramas	<i>Achillea Millefolium</i>	Europa
60. Melissa de galho	<i>Lippia alba</i>	América do Sul
61. Gin seng brasileiro / pfáfia	<i>Pfaffia glomerata</i>	América do Sul
62. Centela asiática	<i>Centella asiática</i>	Sul da Ásia e Ilhas do Pacífico
63. Irís	<i>Trimezia Coerulea</i>	Mata Atlântica
64. Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Ásia menor
65. Sabuqueiro	<i>Sambucus australis</i>	Sul da América do Sul
66. Chambá - anador	<i>Justicia pectoralis</i>	América Tropical
67. Mertiolate	<i>Jatropha multifida</i>	Brasil e América Central
68. Hortelã	não identificada	Europa
69. Boldo de pinuco	<i>Vernonia condensata</i>	Mata Atlântica
70. Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Europa
71. Caruru	<i>Amaranthus viridis L.</i>	América do Sul
72. Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>	Norte da África, hoje considerada

		cosmopolita e nativa no Brasil.
73.Maria qorda	<i>Talinum paniculatum</i>	América tropical
74.Morango	<i>Fragaria vesca</i>	Europa
75.Artemisia	<i>Tanacetum parthenium</i>	Europa
76.Tanaceto	<i>Tanacetum vulgare</i>	Europa
77.Margaridão (mão de Deus)	<i>Tithonia diversifolia</i>	Colômbia
78.Cardo santo	<i>Silybum marianum</i>	Mediterrâneo e Ásia
79.Poeio	<i>Mentha pulegium</i>	Europa, Ásia, Península Arábica
80.Hortelã levante	<i>Mentha spicata</i>	e África.
81.Crista de galo	<i>Celosia argentea</i>	Índia
82.Alecrim	<i>Salvia Rosmarinus</i>	Mediterrâneo
83.Capuchinha	<i>Tropaeolum majus</i>	Montanhas do México e do Peru
84.Tanchagem	<i>Plantago australis</i>	Sul e Sudeste do Brasil
85.Batata doce	<i>Ipomea batatas</i>	América Tropical
86.Maniericão roxo	<i>Ocimum basilicum</i>	Ásia
87.Pimenta doce	não identificada	América
88.Alcachofra	<i>Cynara cardunculus</i>	Europa
89.Couve (duas variedades)	<i>Brassica oleracea</i>	Europa
90.Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Europa e Ásia
91.Abóbora de pescoco	<i>Cucurbita moschata</i>	América
92.Picão branco	<i>Galinsoga parviflora</i>	América do Sul
93.chicória	<i>Cichorium intybus</i>	Europa
94.buva	<i>Conyza bonariensis</i>	América do Sul
95.Melão andino	<i>Solanum muricatum</i>	Andes
96.chuchu	<i>Sechium edule</i>	América Central

97.cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Europa
98.Alho de burro	<i>Allium ampeloprasum</i>	Europa
99.Pimenta (vermelha)	Gênero <i>Capsicum</i>	América
100.Feijão quandu	<i>Cajanus cajan</i>	Ásia
101.Sálvia	<i>Salvia Officinalis</i>	Europa
102.Calêndula	<i>Calendula Officinalis</i>	Mediterrâneo e África central
103.Orelha de padre (ervilha torta)	<i>Lablab purpureus</i>	África
104.Ora pro nobis	<i>Pereskia aculeata</i>	América central
106.Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	América do Sul
107.Chapéu de bispo	<i>Capsicum baccatum</i>	Brasil
108.Pimentão	<i>Capsicum annum</i>	América
109.Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i>	América do Sul
110.Feijão de vagem	<i>Phaseolus vulgaris</i>	América Central
111.Mentrasito (picão roxo)	<i>Ageratum conyzoides</i>	América Tropical
112.Banana abóbora	Não identificada, gênero <i>Musa</i>	Ásia
113.Banana rosa	idem	idem
114.Melão de São Caetano	<i>Momordica charantia</i>	África e Ásia
115.Cânfora	<i>Cinnamomum camphora</i>	Ásia
116.Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Mediterrâneo
117.Orégano	<i>Origanum vulgare</i>	Ásia e Europa
118.Cana do breio	mais de uma espécie	América
119.Avenca	<i>Adiantum raddianum</i>	Brasil

APÊNDICE B - REPENSE O DESCARTES (POEMA AUTORAL)

Repense o Descartes

As coisas não são separadas,
É tudo junto mesmo no Planeta,
E no Universo também!

O pensamento cartesiano é que faz as coisas descartáveis.
É um mundo sem conexão.

Repense o Descartes,
E a ilusão do conhecimento objetivo.
Descartamos comida,
E há gente que não tem o que comer!

Basta de um pensamento tão raso.
Chega de franceses e ingleses do século XVII!
Repense também o Newton e o Locke.

Não me venha com essa de que as terras indígenas não são produtivas,
A sua produtividade está acabando com a nossa vida!
A agricultura indígena produz vida!
O agronegócio produz morte!

E se a questão é o avanço da ciência:
os Tupinambá já estavam bem à frente do tal do Newton.

Você pensa que seu celular é muito moderno?
E de onde veio boa parte dos metais contidos nele?
Do arcaico trabalho escravo infantil moderno!

Vamos transformar essa economia consumista,
Destruidora do Planeta e da Vida!
Basta já dos plásticos,

Basta de indústrias poluidoras.

Não às armas,
Pois é justamente onde se sustenta o Império,
Na guerra sem motivos,
Na destruição e sofrimento dos povos!

Vamos boicotar as indústrias mais lucrativas,
Consumir menos drogas vendidas nas farmácias!
Apoiando a Saúde Pública gratuita,
E o fácil acesso àqueles que necessitam dessa indústria pra viver.
Que as pesquisas da área médica
E os praticantes da medicina
Se ocupem mais em mitigar os males humanos,
Menos em ganhar brindes
E viagens das indústrias que só visam ao mercado!

Viva aos Povos Indígenas,
Viva aos Quilombolas,
Viva aos camponeses, agricultores agroecológicos, ao MST,
E a todas as que lutam para que da terra se crie vida!

Que a força da vida seja maior que o espírito doentio e destruidor do Capital!

Escrito entre 18 e 21 de outubro de 2016. Com pequenas modificações em
15 de maio de 2024.

APÊNDICE C - LISTA DE PICs COM POSSIBILIDADE DE DISPONIBILIDADE NO SUS

- [Afiterapia](#)
- [Aromaterapia](#)
- [Arteterapia](#)
- [Ayurveda](#)
- [Biodança](#)
- [Bioenergética](#)
- [Constelação familiar](#)
- [Cromoterapia](#)
- [Dança circular](#)
- [Geoterapia](#)
- [Hipnoterapia](#)
- [Homeopatia](#)
- [Imposição de mãos](#)
- [Medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde](#)
- [Medicina Tradicional Chinesa – acupuntura](#)
- [Meditação](#)
- [Musicoterapia](#)
- [Naturopatia](#)
- [Osteopatia](#)
- [Ozonioterapia](#)
- [Plantas medicinais – fitoterapia](#)
- [Quiropraxia](#)
- [Reflexoterapia](#)
- [Reiki](#)
- [Shantala](#)
- [Terapia Comunitária Integrativa](#)
- [Terapia de florais](#)
- [Termalismo social/crenoterapia](#)
- [Yoga](#)

Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos>,

acesso em 08/07/2024.

APÊNDICE D - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS

- 1- Quando e como começou sua relação com as plantas?
- 2 - Quando veio para o Rio Vermelho e como foi sua relação com os plantios aqui no bairro?
- 3 - Como foi sua infância? Rural ou urbana?
- 4 - Os familiares, mães, avós já faziam uso de fitoterápicos?
- 5 - Pode falar sobre os cursos que fez e se costuma dar cursos também?
- 6 - Como percebe a comunicação com as plantas? De que forma elas se comunicam?
- 7 - Cite uma planta que transformou/revolucionou ou foi muito importante na sua vida. Porquê?
- 8 - Cite 10 plantas que considera essenciais e quais os seus usos.
- 9 - Como você se percebe no lugar que ocupa? O que significa ajudar as pessoas?
- 10 - De onde vêm as ervas que você utiliza nos seus processos de espiritualidade, saúde e cura?
- 11 - Os alimentos também têm poder de cura? Qual a importância de uma boa alimentação para a manutenção da saúde?
- 12 - Como percebe as mudanças climáticas, a Emergência Climática?
- 13 - Que semelhanças e diferenças percebe entre Permacultura e Agroecologia? Você acha que elas podem contribuir para um mundo mais equilibrado?
- 14 - Para você, o que é ter saúde?
- 15 - Como você percebe as questões de espiritualidade?

ANEXO A – Modelo dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁵⁵

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TÍTULO DA PESQUISA: “Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias”: trajetórias, trocas, cuidados e curas nas relações entre mulheres e plantas.

Pesquisadora: Cláudia Tomaschewski - Telefone: XXXXXXXXX - Endereço: XXXXXXXXXXXXX.

Orientadora responsável: Josiane Carine Wedig. Telefone: (46) 3220-2608
Endereço: Via do Conhecimento, KM 01, s/n - Fraron, Pato Branco - PR, 85503-390
- UTFPR.

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa. Prezada participante, a pesquisa intitulada “Assim como as plantas, nós estamos onde somos necessárias”: trajetórias, cuidados e trocas nas relações entre mulheres e plantas, tem como objetivo estudar a relação entre mulheres, e processos de cura, saúde e cuidado.

2. Participação na pesquisa. A sua participação na pesquisa diz respeito às entrevistas concedidas, que foram gravadas, às conversas que tivemos por whatsapp e aos resultados finais que já foram encaminhados por escrito.

3. Confidencialidade. Todas as informações que a Senhora nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Conforme conversamos anteriormente, de comum acordo, será utilizado seu nome real.

4. Desconfortos, Riscos e Benefícios. Conforme combinamos desde o princípio, qualquer pergunta que cause algum desconforto deve ser indicada e alterações no texto podem ser solicitadas pelas participantes que tiveram acesso ao texto da pesquisa de forma integral, antes do encaminhamento para a banca.

5. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo. Você tem liberdade de responder somente às questões que considerar necessárias e importantes para informar durante a entrevista. Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado as entrevistas, sem nenhum prejuízo

⁵⁵ Os TCLE estão guardados comigo. Não os reproduzi aqui para não expor os dados pessoais das entrevistadas.

para você. Caso tenha o interesse de mais esclarecimentos sobre a pesquisa, poderá ser realizado em qualquer etapa do processo.

6. Ressarcimento ou indenização. Caso a Sra. aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira. Esta pesquisa não terá nenhum custo financeiro ou material para a participante. Contudo, a participante terá o direito à indenização caso a pesquisa ocasione algum dano, sendo responsabilidade da pesquisadora Cláudia Tomaschewski.

CONSENTIMENTO:

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas objetivas às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

() Aceito a identificação do meu nome na divulgação da pesquisa

Nome

completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: __/__/____

Telefone: _____

Endereço: _____

_____ CEP:

_____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Data: __/__/____